

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

MANOEL VICENTE DOS SANTOS NETO

**HOMOAFETIVIDADE E IGREJA: UMA BUSCA PELA IGUALDADE RELIGIOSA
NO ÂMBITO DO ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS,
EM BRASÍLIA**

São Leopoldo

2021

MANOEL VICENTE DOS SANTOS NETO

**HOMOAFETIVIDADE E IGREJA: UMA BUSCA PELA IGUALDADE RELIGIOSA
NO ÂMBITO DO ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS,
EM BRASÍLIA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação

Pessoa Orientadora: Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237h Santos Neto, Manoel Vicente dos
Homoafetividade e igreja : uma busca pela igualdade religiosa no âmbito do acolhimento na Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília / Manoel Vicente dos Santos Neto ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.
74 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

1. Homossexualidade – Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Integração social. 3. Obras da igreja junto aos homossexuais. I. Bobsin, Oneide, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MANOEL VICENTE DOS SANTOS NETO

**HOMOAFETIVIDADE E IGREJA: UMA BUSCA PELA IGUALDADE RELIGIOSA
NO ÂMBITO DO ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS,
EM BRASÍLIA.**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Atuação: Religião e Educação

Data de Aprovação: 14 de abril de 2021.

Prof. Dr. Oneide Bobsin (Presidente)
Participação por webconferência

Prof.^a Dr.^a Carolina Bezerra de Souza (EST)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Elivaldo Serrão Custódio (UNIFAP)
Participação por webconferência

*A Deus, meu refúgio, minha fortaleza.
Toda honra e toda glória a ti Senhor.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela vocação ao mundo acadêmico; ciente da grande responsabilidade que é ensinar e ao mesmo tempo aprender.

Agradeço à minha família, especialmente a minha esposa e meus filhos, que suportaram comigo as ausências, quando me enclausurava nas bibliotecas ou quando viajava à EST, em São Leopoldo – RS, para aulas presenciais.

Agradeço a cada professor e professora da Faculdades EST pela dedicação, e carinho na transmissão das disciplinas e principalmente pelo acolhimento. Nunca me senti tão acolhido em uma instituição de ensino superior como fui na EST e esta será a marca, a principal lembrança que levarei para sempre.

De modo especial, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Oneide Bobsin, pelo apoio, paciência, dedicação e sabedoria na orientação, para que esta pesquisa conseguisse atingir seus objetivos.

Agradeço, também, ao pastor Antônio, da pastoral da EST, que em diversas situações, com uma palavra de incentivo, ajudou-me a seguir em frente.

Agradeço a todos e todas, que colaboraram com a pesquisa.

Aos que mesmo discriminados/as, julgados/as e condenados/as pelas religiões, ainda assim não desistem de buscar a Deus.

Foi uma longa caminhada: árdua, mas empolgante, cheia de surpresas, novidades, aprendizados e (des)construções.

Meu muito obrigado!

Deus não é religioso. Graças a Deus.

Oneide Bobsin

RESUMO

O tema da pesquisa é a homoafetividade e a igreja. Trata-se de um assunto controverso no meio eclesial e que leva à exclusão de pessoas. Assim surgem as chamadas igrejas inclusivas, como a Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília/DF, base empírica da pesquisa. O objetivo principal é investigar a relação do surgimento e crescimento das igrejas inclusivas com o não acolhimento do público LGBTI nas igrejas tradicionais. Reflete sobre o que é ser igreja e o que são as igrejas inclusivas. Destaca a urgência da releitura bíblica contextualizada e o acolhimento como fundamento teológico das igrejas inclusivas para a inclusão das pessoas LGBTI. A partir da pesquisa quali-quantitativa, observa-se a prática religiosa das pessoas e suas trajetórias até chegarem a frequentar a Igreja Inclusiva. Percebe-se o contraditório no não acolhimento por parte das igrejas tradicionais, não contemplando a diversidade humana, na classificação como pecadoras e na necessidade da busca pela regeneração moral. Assim, as igrejas inclusivas acabam sendo refúgio para todas as pessoas LGBTI que buscam a Palavra de Deus.

Palavras-chave: Homoafetividade. Igrejas Inclusivas. Acolhimento. Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília/DF.

ABSTRACT

The research theme is homo-affectivity and the church. It is a controversial issue in the ecclesiastical environment and it leads to the exclusion of people. Thus, the so-called inclusive churches, such as the Athos Christian Family Community, from Brasília / DF, empirical basis of the research, emerged. The main objective is to investigate the relationship between the emergence and growth of inclusive churches and the non-reception of the LGBTI public in traditional churches. It reflects on what it is to be a church and what inclusive churches are. It highlights the urgency of contextualized biblical rereading and welcoming as the theological foundation of inclusive churches for the inclusion of LGBTI people. From the qualitative and quantitative research, it is possible to observe people's religious practice and their trajectories until they came to attend the Inclusive Church. The contradictory is perceived in the non-acceptance by the traditional churches, not considering human diversity, in the classification as sinners and in the need for the search for moral regeneration. Thus, inclusive churches end up being a refuge for all LGBTI people who seek the Word of God.

Keywords: Homo-affection. Inclusive Churches. Reception. Athos Christian Family Community, from Brasília / DF.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 IGREJAS INCLUSIVAS.....	21
2.1 SER IGREJA.....	21
2.2 IGREJAS INCLUSIVAS	25
3 IGREJA COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS, EM BRASÍLIA	33
3.1 UM HÉTERO NA IGREJA INCLUSIVA.....	33
3.2 A COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS	37
3.3 A COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS: AS PESSOAS	39
4 O ACOLHIMENTO COMO FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA	43
4.1 O ACOLHIMENTO	43
4.2 O CUIDADO	47
5 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A	61
APÊNDICE B	65
APÊNDICE C	69
APÊNDICE D	71

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento do número de igrejas inclusivas no Brasil, que seguem uma teologia que prega a diversidade humana como uma obra divina, muito se tem questionado sobre os motivos que têm levado milhares de pessoas a deixarem as igrejas convencionais e migrarem para as chamadas “inclusivas”. A ciência já se convenceu de que não há nada de errado nas relações homoafetivas, porém, no mundo eclesiástico isso ainda é um tabu. No meio desse entrave surge a importante necessidade de se avaliar a possível relação entre o não acolhimento desses fiéis nas igrejas convencionais e o surgimento e consequente multiplicação das igrejas inclusivas. A pesquisa estuda e analisa a homoafetividade e a Igreja no que tange à igualdade religiosa no âmbito do acolhimento, a partir de estudo de caso na Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília.

A igualdade religiosa não significa uma teologia única, mas um tratamento isonômico e igualitário dispensado a todos, independente de cor, raça, condição social ou opção sexual. A graça de Deus é para todos: "Porquanto, a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens" (Tt 2.11). Assim, o estudo reflete sobre o não acolhimento do público LGBTI¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersex) nas igrejas convencionais e sua consequente migração para as igrejas inclusivas, como a Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília.

A relação dos homoafetivos com as igrejas convencionais tem sido bastante conturbada. O surgimento das igrejas chamadas “inclusivas” evidencia que tal relação

¹ Para fins desta pesquisa será utilizada a sigla LGBTI. Porém, destaca-se que há uma variedade de nomenclaturas. LGBTQ+: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer e outros grupos de gênero e sexualidade. LGBTQIA: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, queer, Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida). A sigla mais completa é a LGBTQQICAPF2K+, em que: L – lesbian (lésbica); G – gay (gay); B – bisexual (bissexual); T – transgender (transgênero); Q – queer; Q – questioning; I – intersex; A – asexual; A – agender (sem gênero); A – ally (simpatizantes); C – curious (curiosos); P – pansexual; P – polysexual; F – friends and family (amigos e familiares); 2 – two-spirit (dois-espíritos); K – kink (um tipo de fetiche) e outros grupos de gênero e sexualidade. GONÇALVES, Mariana Barbosa. **As personagens LGBTQ+ no universo das telenovelas de Aguinaldo Silva: autoria e representação em três décadas de TV.** 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. p. 12.

não se dá de forma sadia. Afinal, todas as igrejas por si só “devem” ser inclusivas, devem incluir e não excluir. Devem estar de portas abertas a todas as pessoas, ou pelo menos deveriam estar. Chamar uma igreja de inclusiva soa como um pleonismo vicioso.

Mas por que essas igrejas, chamadas de inclusivas para um público LGBTI, estão surgindo? O que tem levado esses fiéis a migrarem das igrejas ditas convencionais para as igrejas inclusivas? O que esse público encontrou nas igrejas inclusivas que atraiu para elas? Todos esses questionamentos conduzem à pergunta central desta pesquisa: em que medida é possível relacionar o surgimento e crescimento das igrejas inclusivas com o possível não acolhimento do público LGBTI nas igrejas convencionais?

Diante disso, o objetivo principal da pesquisa é investigar a relação do surgimento e crescimento das igrejas inclusivas com o possível não acolhimento do público LGBTI nas igrejas convencionais. Para tanto, tem como objetivos específicos pesquisar as origens da igreja Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília; verificar os motivos que levam à migração para a igreja Comunidade Família Cristã Athos; analisar como se dá o acolhimento nesta igreja, e averiguar as bases bíblicas, confessionais e teológicas sobre o acolhimento.

A estrutura da pesquisa está configurada em três partes, além da introdução e da conclusão.

O capítulo inicial é dedicado à reflexão acerca das igrejas inclusivas, o que são e o porquê das suas existências. Questiona o que vem a ser igreja. Em seguida, a pesquisa aborda, especificamente, a igreja Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília, a sua breve história, as pessoas membros, e uma caracterização das pessoas entrevistadas. Reitera-se, no entanto, que os relatos das pessoas através das entrevistas são utilizados ao longo de todo o trabalho.² Por fim, a pesquisa destaca o acolhimento como fundamentação teológica para a inclusão das pessoas. Esse acolhimento exige o cuidado para com as pessoas, cuidado este que se dá, por exemplo, através do aconselhamento.

² O Apêndice D traz os dados da pesquisa em forma de tabelas justamente porque os dados são usados ao longo da pesquisa, dialogando com o referencial teórico. Nesse caso, importa a análise das respostas, não tanto os números.

A pesquisa se desdobra em duas partes: bibliográfica e estudo de caso. Desta forma, se mostra como uma pesquisa quali-quantitativa. A pesquisa busca conhecer e aprofundar conhecimentos específicos sobre a Comunidade de Athos, no Distrito Federal, como aspectos da realidade que não podem ser quantificados³, como a compreensão de conceitos-chave, além da própria Sagrada Escritura acerca do tema. O estudo de caso, com doze pessoas, foi realizado através de questionário aplicado, com seis pessoas, conforme Apêndice B. Também foram realizadas entrevistas com outras seis pessoas, conforme Apêndice C, com pessoas maiores de 18 anos, voluntárias⁴, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecimento, conforme Apêndice A. Os resultados estão ao longo da pesquisa, em diálogo com os referenciais teóricos.

A pesquisa bibliográfica serve de base para pesquisa de campo e para confrontar com os dados obtidos. Conforme Gil⁵, a pesquisa bibliográfica é o material escrito impresso ou digital, como livros e periódicos, ou mesmo documentos institucionais. Assim, além da bibliografia disponível de forma impressa e digital acerca do tema, se buscará nos documentos institucionais da comunidade de Athos referenciais para a pesquisa.

O tema é pertinente, atual e polêmico. Atrai a atenção não só da comunidade LGBTI, como também de toda a sociedade. A pesquisa irá refletir sobre o acolhimento dado especificamente a esta comunidade e seus reflexos na caminhada cristã. Vive-se em um mundo fragmentado, cheio de individualismo, preconceitos, arrogância e individualidade. É preciso humanizar as relações com um olhar de amor, como Jesus assim o fez, acolhendo todas as pessoas. O fato de as pessoas dessa comunidade (LGBTI) estarem migrando das igrejas convencionais para as chamadas igrejas inclusivas levanta a suspeita de que algo pode estar equivocado no acolhimento por parte das igrejas convencionais. A heteronormatividade ainda permanece a sufocar e

³ GERHARDT, Tatiana, SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

⁴ A fim de manter o anonimato das pessoas entrevistadas, as seis pessoas que responderam ao questionário fechado serão mencionadas como Pessoa 1, Pessoa 2, Pessoa 3, Pessoa 4, Pessoa 5 e Pessoa 6. As pessoas entrevistadas de forma livre serão chamadas de Pessoa 6, Pessoa 7, Pessoa 8, Pessoa 9, Pessoa 10, Pessoa 11 e Pessoa 12. Todas as menções diretas das entrevistas estão inseridas em caixas de texto.

⁵ GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

impedir o acolhimento das minorias. Estudar e pesquisar sobre o assunto pode fazer entender que a relação homoafetividade e religião suplanta a questão sexual e assume, diante do Sagrado, um patamar ainda mais espiritual.

2 IGREJAS INCLUSIVAS

Igrejas inclusivas estão espalhadas no mundo. A existência dessas igrejas se dá porque pessoas não são acolhidas em igrejas tradicionais. A partir do estudo de Arielson Teixeira do Carmo, verifica-se que há mais de duas dezenas de igrejas inclusivas no Brasil.⁶ O presente capítulo reflete sobre as igrejas inclusivas, suas origens, contextualizando, especificamente, a Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília.

2.1 SER IGREJA

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. (Mt 16.18-19).⁷

O teólogo Kenneth Scott Latourette menciona que Jesus deu pouca atenção à organização continuada, e que a palavra “igreja” seja mencionada duas vezes, apenas no Evangelho de Mateus.⁸ No entanto, o teólogo Dietrich Bonhoeffer, ao discorrer acerca da importância da igreja, argumenta que o corpo de Jesus Cristo, ao ocupar espaço na terra e, com a encarnação, exige um espaço visível entre as pessoas porque “ele veio para o que era seu” (Jo 1.11).

Paul Lakeland destaca que a igreja não é uma referência ao edifício onde é realizado o culto.

“A Igreja”, porém, é um fenômeno muito mais extenso, amplo e interessante, nem sempre tão belo quanto uma antiga catedral gótica, nem tão pitoresco ou exótico quanto um edifício rococó alemão ou barroco italiano, mas infinitamente mais complexo e vivo do que uma mera construção. “Igreja”, assim, refere-se a toda a família religiosa.⁹

⁶ CARMO, Arielson Teixeira do. **Rituais, trajetórias religiosas e homossexualidade na cidade de Pelotas-RS**. 2019. 201 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

⁷ Todas as passagens bíblicas usadas nesta pesquisa são da Bíblia On-line, Com a tradução de Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/index>.

⁸ LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2006. Vol. 1. p. 147.

⁹ LAKELAND, Paul. **Igreja: comunhão viva**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 18.

Jesus precisa de ouvidos e corações, e de seres humanos que o sigam, como um discipulado, e em comunhão.

A comunidade dos discípulos era visível perante o mundo. Nela havia corpos que agiam, trabalhavam e sofriam na comunhão de Jesus. O corpo do Senhor glorificado também é corpo visível na forma da Igreja. Como esse corpo se torna visível? Em primeiro lugar, na pregação da Palavra.¹⁰

Trata-se, assim, da comunhão das pessoas que professam uma mesma fé, ou seja, a Igreja é uma comunidade de fé, fé esta que une a comunidade numa prática concreta comum. Lakeland explica que:

“comunidade” é uma palavra quase tão empregada quanto “família”, e muitas vezes igualmente revestida de sentimentalismo. [...] afirmar que a Igreja é uma comunidade de fé é dizer que estamos unidos pela posse comum de uma visão de vida, do seu propósito e destino, alicerçada na experiência “do cuidado amoroso de Deus por nós vivida plenamente em nossa intimidade com a história de Jesus Cristo”. A Igreja, então, não é um clube a que nos associamos porque gostamos do que ele oferece ou porque achamos as pessoas simpáticas; ela é uma comunidade da qual nos consideramos parte porque cada um de nós, pessoalmente, encontrou e foi tocado pelo amor de Deus em Cristo.¹¹

Esta comunidade de fé tem a Palavra de Deus em comum, Palavra esta que, segundo Bonhoeffer, procura uma Igreja para aceitá-la, que segue um caminho por iniciativa própria e cujo pastor deve sujeitar-se a esse movimento próprio. Assim como o próprio Espírito Santo vem à igreja e revela às pessoas e à Igreja o que há muito já foi dado em Cristo:

Evidenciou-se que a Igreja de Jesus Cristo reivindica espaço de pregação no mundo. O corpo de Cristo é visível na Igreja que se une em torno da Palavra e dos sacramentos. Essa Igreja é um todo articulado. O corpo de Cristo como Igreja implica articulação e estruturação da igreja. Essas são partes inerentes ao corpo. Um corpo desarticulado está em estado de decomposição. Segundo a doutrina de Paulo, o corpo vivo de Cristo tem forma articulada (Rm 12.5; 1Co 12.12ss). É impossível perceber as diferenças entre conteúdo e forma, essência e aparência. O contrário seria negar o corpo de Cristo, do Cristo que se fez carne (1Jo 4.3). Portanto, além de querer espaço de pregação, o corpo de Cristo precisa de espaço de articulação da Igreja.¹²

Esta articulação da Igreja, segundo Bonhoeffer, deve convergir para servir uma vez que as funções na Igreja são “serviços”. Estes são criados por Deus (1Co 12.28), Cristo (Ef 4.11) e o Espírito Santo (At 20.28), quais seja, o não desvirtuamento

¹⁰ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. (E-book). p. 184.

¹¹ LAKELAND, 2013, p. 27.

¹² BONHOEFFER, 2016, p. 186.

da palavra e o cuidado na ministração dos sacramentos. Tais serviços são para todas as pessoas, sem distinção:

Na Igreja, ninguém fica observando se o outro é livre ou escravo, homem ou mulher; a única coisa que interessa é que o outro é membro do corpo de Cristo. Isso não significa, certamente, que o escravo deixa de ser escravo e que o homem deixa de ser homem. Também não quer dizer que, na Igreja, cada um será tratado conforme sua situação, se é judeu ou grego, se é livre ou escravo. É justamente isso que deve acabar. Olhamos uns para os outros apenas como membros do corpo de Cristo, como sendo todos um só nele. Judeu e grego, livre e escravo, homem e mulher, todos estão em comunhão como parte da Igreja do corpo de Cristo.¹³

A Igreja, um espaço para Cristo, é lugar de pessoas que não estão mais sob o jugo do mundo, do pecado ou da lei. “Nessa nova comunhão, nenhuma lei do mundo pode determinar o que quer que seja. O espaço do amor fraternal cristão está sob o poder de Cristo, e não sob o poder do mundo.”¹⁴

No entanto, a noção do pecado está presente nas pessoas entrevistadas. Uma noção enfatizada pela igreja, de que a homossexualidade é contrária à natureza e contra as leis da procriação, conforme sustenta Rosana Orlandi Meira.¹⁵ Em relato da Pessoa 7, quando ainda em casamento heterossexual, percebeu que seu cônjuge também era homoafetivo. Porém, quando resolveram, ambos, expor a homoafetividade de cada um, o marido revelou que: “[...] ele sentia atração por homem, mas que ele achava que era pecado. [...] e me disse que: “olha eu nunca vou ficar com homem, porque é pecado”.¹⁶

A Igreja tem a missão a favor do amor fraterno e da misericórdia. Para isso, importante é “ler os sinais dos tempos”, conforme aponta Lakeland.¹⁷ Nesse sentido, parece que as igrejas tradicionais não o fazem de forma a contemplar a diversidade das pessoas, sendo necessária a busca por igrejas que acolham a necessidade específica que não é encontrada nas igrejas tradicionais. A Pessoa 8 indaga, por exemplo, onde consta que é pecado uma pessoa ser gay? Ela questiona as igrejas tradicionais em busca de uma resposta concreta, mas que não encontra:

¹³ BONHOEFFER, 2016, p. 191.

¹⁴ BONHOEFFER, 2016, p. 192.

¹⁵ MEIRA, Rosana Orlandi. **Aconselhamento pastoral e homossexualidade**: a dimensão da fé cristã nas angústias da homossexualidade. São Leopoldo, RS, 2012. 99 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Aconselhamento Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012.

¹⁶ Entrevista Pessoa 7

¹⁷ LAKELAND, 2013, p. 349.

A questão gay, acho que eles têm essa discriminação por serem criados assim e às vezes a gente até repudia o nosso sentimento achando que tem alguma coisa errada com nós mesmos e não se consegue compreender isso. Tem que ser conversado, explicado, é pecado? Por que é pecado? Onde está escrito isso?¹⁸

Por trás desta caracterização de ser gay ser pecado, está a intenção da mudança (intencional) da homossexualidade à heterossexualidade, “[...] evidenciando densas malhas de regulação da sexualidade presentes em perspectivas pastorais evangélicas”.¹⁹ Mesmo quando igrejas tradicionais se mostram acolhedoras, o que se observa é uma estratégia para “[...] uma intensificação do processo de sujeição cujo efeito esperado é a interiorização dos códigos religiosos e a adesão ao projeto de regeneração moral.”²⁰ Prosseguem Natividade e Oliveira argumentando que:

A máxima “acolher o pecador e odiar o pecado” é expressiva do modo como se conjugam homofobia, doutrinas religiosas, cosmologias, códigos de santidade, controle da sexualidade: qualificando as práticas homossexuais como pecado, promovem um reforço da vinculação entre sexo, reprodução, casamento e heterossexualidade.²¹

No entanto, não se trata de pecado, mas de diversidade. Conforme lembra o teólogo Mário França de Miranda, é um desafio para as igrejas tradicionais interagir com a diversidade cultural.

O fenômeno da globalização econômica arrastou consigo uma globalização cultural ao impingir às culturas nativas, nacionais ou regionais, visões da realidade e padrões de comportamento estandardizados, embutidos em seus produtos comerciais e tecnológicos. Esse fato provocou uma forte reação por parte das culturas locais que tendem a enfatizar o que lhes é próprio para poderem sobreviver. A fé cristã, enquanto recebida e vivida por homens e mulheres, encontra-se sempre dentro de um contexto sociocultural concreto onde é entendida, expressa e vivida. Portanto, a fé proclamada pelo missionário já é uma fé inculturada em seu país natal.²²

Porém, esse fenômeno da globalização, é algo atual. Miranda menciona que é possível ver, através da história do cristianismo, a pluralidade de expressões, todas elas tendo o evento salvífico de Jesus Cristo como fundamento. São, segundo o autor:

[...] expressões plurais de cunho doutrinal, litúrgico, pastoral, de organização comunitária. Além disso, a convivência de teologias diversas no interior do mesmo cristianismo confirma que os percursos biográficos e os modos de

¹⁸ Entrevista Pessoa 8.

¹⁹ NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. **Tomo**, Revista do PPG em Ciências Sociais da Universidade Federal do Sergipe, n. 14, p. 203-227, jan./jun. 2009. p. 223.

²⁰ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 224.

²¹ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 224.

²² MIRANDA, Mário de França. **A igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 256.

pensar dos que aderem a Jesus Cristo incidem fortemente em sua compreensão e expressão da fé.²³

Ser igreja, portanto, seja no passado ou na contemporaneidade, significa contemplar a diversidade humana que tem sua crença em Jesus Cristo. George Augustin menciona que o verdadeiro rosto da Igreja permanece embaçado ou ignorado. “Ninguém mais pronuncia com tanta facilidade esta frase que Lutero escreveu em 1537: ‘Graças a Deus, qualquer criança de 7 anos sabe o que é a Igreja’. Hoje, qualquer crente desejaria ser essa criança.”²⁴ Isso porque permanece “[...] oculta a importância da realidade humana e social da Igreja, a contribuição do seu papel como instituição para a sua missão.”²⁵

Augustin destaca que a igreja é lugar das relações vividas, da relação com Deus e, depois, da relação com as outras pessoas. A igreja é como a família de Deus, um lugar de aprendizagem da fé. E, conclui, que assim como em uma família humana, “[...] também na Igreja devemos tolerar as diferenças, nos apoiarmos mutuamente e termos em mente um objetivo comum. Nisso se visibiliza a comunhão e a solicitude recíproca na comunidade eclesial.”²⁶

2.2 IGREJAS INCLUSIVAS

As igrejas inclusivas surgem para suprir as necessidades das pessoas que se encontram excluídas das igrejas tradicionais. Isto se observa nas entrevistas realizadas com as pessoas da Comunidade Família Cristã Athos. Ao revelar sua decisão para a vida homoafetiva, e separando-se do marido, a Pessoa 7 revelou que:

Ficou a igreja toda do lado dele e o meu pastor nunca me procurou pra ouvir nada do meu lado, simplesmente saíram falando que eu era uma pervertida, que eu era sapatona, que eu larguei um servo de Deus pra ficar com mulher. Então, assim, eu me senti excluída só nesse momento, porque eu esperava, sabe, eu era muito próxima de todo mundo, participava de vários ministérios na igreja e eu esperava que pelo menos a esposa do pastor me procurasse, eu era muito amiga dela.²⁷

A Pessoa 7 foi excluída da Igreja na qual era membro junto com seu, então, esposo. Isto não é algo novo, revelar-se homoafetivo, mas assumir a identidade é algo

²³ MIRANDA, 2013, p. 259.

²⁴ AUGUSTIN, George. **Por uma igreja em saída**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 75.

²⁵ AUGUSTIN, 2015, p. 77.

²⁶ AUGUSTIN, 2015, p. 79.

²⁷ Entrevista Pessoa 7.

próprio do tempo contemporâneo e que não foi absorvido pelas igrejas tradicionais. Há vontade das pessoas em serem o que elas são, ou seja, de assumir a identidade real, conforme a Pessoa 11: “Eu não queria aquela vida que eu tinha no armário e acreditava que isso era errado, mas era muita oração, muito jejum em cima, a semana na igreja buscando algo, que pra mim não existe, essa cura não existe.”²⁸

Conforme Miranda,

As rápidas e sucessivas mudanças socioculturais dos últimos decênios questionam fortemente um cristianismo expresso em linguagens e moldado em padrões mais próprios do passado, desvalorizando-o ou mesmo tornando-o simplesmente não significativo para nossos contemporâneos.²⁹

Charles Klemz, ao tratar da teologia inclusiva e, especificamente, das igrejas inclusivas, menciona a releitura, que fazem da Bíblia. Explica o autor, no que tange às questões de gênero, que “É possível ‘justifica’ tal releitura ao se considerar o aporte das teorias de gênero que compreendem a construção do masculino e do feminino no processo cultural.”³⁰ A Pessoa 11 relata que:

[...] na Athos [...] é estudado, você sabe que a pessoa tem conhecimento da palavra, o culto e a palavra são de verdade. Tem várias igrejas que você só lê, mas lá não, você estuda, tudo é explicado. E isso é muito bom porque você tá ali pra ouvir a palavra, você recebe isso mesmo.³¹

Isso evidencia a necessidade de se fazer ao que chama de “revisão das bases teóricas e metodológicas” relacionadas à educação, e à teologia e à igreja, enquanto comunidade de fé, porque:

[...] ser homem ou mulher é uma construção social que implica em atitudes culturalmente aceitas e desejáveis. Desta forma, tal revisão também seria possível (ou necessária) em relação à releitura bíblica, no sentido de revisar sentidos de uma construção social de uma determinada época.³²

A pergunta que se pode colocar é por que a necessidade de igrejas inclusivas? A resposta é que as igrejas tradicionais não admitem uma leitura da Bíblia contextualizada no tempo presente, que contemple a diversidade das pessoas. A

²⁸ Entrevista Pessoa 11.

²⁹ MIRANDA, 2013, p. 170.

³⁰ KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia**. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf>. Acesso em 20 jan. 2021. p. 80.

³¹ Entrevista Pessoa 11.

³² KLEMZ, 2019, p. 80.

Pessoa 8 revela justamente isso, essa nova leitura encontrada na Comunidade Família Cristã Athos:

A Athos possibilita a conversa sobre isso, essa visão diferente, é uma maneira de se compreender melhor, não se julgar, porque praticamente eu acredito pra quem é bi, lésbica, [...] já se acha condenada pelo que é pregado nessas igrejas.³³

Fátima Weiss de Jesus afirma de modo semelhante que as igrejas inclusivas buscam legitimação e autoridade religiosas para legitimar práticas e modos de vida não heterossexuais. Para isso, utilizam da ressignificação do texto bíblico.³⁴

As igrejas inclusivas surgem no meio pentecostal, como menciona Víctor Breno Farias Barroso:

“Deus lhe aceita como você é!”: assim se direciona a pregação das chamadas igrejas inclusivas ao público LGBT. Também chamadas de gay friendly (amigáveis aos gays), essas comunidades buscam oferecer uma alternativa religiosa às pessoas homossexuais que desejam afirmar conjuntamente sua identidade de gênero e uma confessionalidade cristã.³⁵

Este é um quadro religioso novo no Brasil. Porém, o surgimento da primeira igreja inclusiva remonta há mais de cinquenta anos, aos Estados Unidos, em 1968, com o Reverendo Troy Perry.³⁶ Conforme Barroso, o reverendo foi expulso da igreja pentecostal da qual fazia parte, quando ainda jovem, por causa da sua orientação sexual homoafetiva. Funda, então, a Metropolitan Community Churches (Igreja da Comunidade Metropolitana).

No Brasil ela surge na década de 1990 e em 2004 surge uma extensão da matriz norte-americana, na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). Porém, há um número significativo de igrejas inclusivas no Brasil, com tendências a aumentarem cada vez mais:

Igreja Apostólica Filhos da Luz (CE), Igreja Arena Apostólica (PR), Igreja Avivamento Inclusivo (SP), Igreja Batista Apostólica das Nações – Nova IBAN (SP), Igreja Comunidade Cidade de Refúgio (CE, DF, PR, RN, SP), Igreja Comunidade Cristã Nova Esperança (CE, ES, PE, RN, RS, SP), Igreja Cristã Conquista Plena (GO), Igreja Cristã Contemporânea (SP), Igreja Comunidade Metropolitana (AL, CE, MG, PB, SP, RJ), Igreja Inclusiva Apostólica Novo

³³ Entrevista Pessoa 8.

³⁴ DE JESUS, Fátima Weiss. A cruz e o arco-íris: Refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma “igreja inclusiva” no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 12, n. 12, p. 131-146, 2010.

³⁵ BARROSO, Víctor Breno Farias. **Mosaicos do Sagrado**. São Paulo: Recriar, 2019. (E-book).

³⁶ FEITOSA, Alexandre. **Igrejas Inclusivas: uma breve história**. Brasília: Oásis,

Tempo (RJ), Igreja Inclusiva Athos e Vida (GO), Igreja Inclusiva Unidos em Cristo (GO), Igreja Iris (GO), Igreja Kairós Missão Pentecostal (PE), Igreja Ministério Vida (ES), Igreja Todos Iguais (SP).³⁷

Influencia no crescimento das igrejas inclusivas o que se pode chamar de “pentecostalização” no Brasil.

[...] há o fenômeno da pentecostalização de algumas dessas comunidades, com o surgimento da Igreja Cristã Contemporânea em 2006, uma dissidência da ICM. No ano de 2011 é fundada pela ex-missionária da Assembleia de Deus, Lanna Holder, e sua companheira Rosania Rocha a Comunidade Cidade de Refúgio na cidade de São Paulo, uma das igrejas desse segmento que mais cresce e se expande no país.³⁸

A produção religiosa desse “pentecostalismo inclusivo” está associada à emergência no campo das religiões do que se chama de “espiritualidades queer”, um conceito polissêmico que dá conta de uma identidade de gênero. A pessoa homossexual busca:

[...] reconciliar sua orientação e identidade sexual e de gênero com estas crenças e práticas originadas em outras tradições religiões ou de espiritualidades”. Tais espiritualidades queer são um “ato desestabilizador” que “transgridem” os “sistemas heteronormativos” das crenças e práticas religiosas tradicionais e “redefinem” a relação da religião com a busca de reconhecimento e inclusão da diversidade sexual no campo religioso.³⁹

Uma questão importante a se destacar é que não se trata de “flexibilizar” valores cristãos, como defende Amanda Nunes Pinheiro⁴⁰, mas de fazer a releitura da Palavra de Deus a partir dos contextos, seja de quando houve a escrita, seja da contemporaneidade. Talita Tavares menciona que a questão está em refletir sobre o que desestabiliza os padrões normativos.⁴¹ Isso leva a relacionar com a prática de Jesus Cristo, de combater aquilo que estava sendo normativo em seu tempo, no caso, a opressão. Desta forma, portanto, se está de acordo com a prática de Jesus, de combater às opressões.

³⁷ BARROSO, 2019, p. 2309.

³⁸ BARROSO, 2019, p. 1690.

³⁹ BARROSO, 2019, p. 1716.

⁴⁰ PINHEIRO, Amanda Nunes. IGREJAS INCLUSIVAS: MORALIDADE E FLEXIBILIZAÇÃO DOS VALORES CRISTÃOS. **IN TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 5, n. 2, 2019.

⁴¹ TAVARES, Talita. As Igrejas Inclusivas prescindem de teologias que tratem da sexualidade?. **Gênero, sexualidad y religión**. Religión e Incidencia Pública, n. 3, p. 87–111, 2015.

Um caso emblemático é o da Comunidade Cidade de Refúgio (CCR), fundada por Lanna Holder, na cidade de São Paulo. Oriunda da Assembleia de Deus, os cultos seguem o estilo (ou liturgia) da igreja pentecostal:

As reuniões se iniciam com orações de súplica, quebrantamento, agradecimento. Os louvores (que são os mesmos cantados nas demais igrejas evangélicas, inclusive, com o cântico de alguns dos hinos da Harpa Cristã) ocupam um lugar central na liturgia ao conduzir a adoração dos membros no culto e ao criar um ambiente de sensibilização mais propício para “o momento da palavra”, que é a pregação a ser ministrada. Estes são acompanhados pelo “ministério de dança”, grupo que interpretam performances em frente do púlpito durante as canções. As orações e louvores são sempre intercalados com palavra de afirmação pentecostais como os “aleluias”, “glórias a Deus”, “louvado seja o Senhor”, entre outros. Em certos cultos, há também um momento para os testemunhos, em que os membros contam, por exemplo, como Deus os está ajudando no processo de aceitação de sua homoafetividade, no enfrentamento dos entraves familiares sobre esse assunto, entre outros.⁴²

Lakeland, teólogo católico, menciona que entre os desafios da igreja cristã, especificamente da Católica, está a questão da Identidade das pessoas e indaga: “como a Igreja pode continuar sendo uma comunidade de fé coesa quando os padrões de compromisso institucional estão mudando radicalmente?”⁴³ E esta, pode-se especular, pode ser uma das causas do crescimento de igrejas pentecostais⁴⁴ e da diminuição da membresia católica.⁴⁵

A pós-modernidade – entendida como modernidade líquida ou tardia – tem promovido fraturas na solidez das antigas relações sociais, o que tem trazido desafios crescentes ao catolicismo no mundo e, particularmente, na América Latina. Depois de quinhentos anos, o domínio católico no Brasil está sob risco. A compreensão do mundo e as formas concretas da vida religiosa não são insensíveis às mudanças das relações sociais e às transformações do modo de produção e consumo. O mundo atual está colocando constantemente em xeque a aceitação simples da tradição, ao mesmo tempo que introduz valores estranhos às perspectivas originais.⁴⁶

As pessoas que buscam uma igreja inclusiva o fazem porque querem participar de uma comunidade de fé e porque são cristãs. “O que se percebe é que são criadas novas comunidades de fé porque as pessoas não estão sendo acolhidas nas comunidades originais”.⁴⁷ Há uma busca pela teologia: “a Teologia, enquanto o

⁴² BARROSO, 2019, p. 2021.

⁴³ LAKELAND, 2013, p. 173.

⁴⁴ TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino; CASSAB, Clarice. O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal. *Terra Livre*, v. 1, n. 52, p. 608-640, 2019.

⁴⁵ ALVES, José Eustáquio et al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.

⁴⁶ ALVES et al., 2017, p. 237.

⁴⁷ KLEMZ, 2019, p. 82.

‘falar sobre Deus’ nas comunidades de fé, [...] oferece ao ser humano respostas sobre o sentido da vida e para as perguntas existenciais, indica modos de viver e de ver o mundo e a si mesmo.”⁴⁸

O que se observa ao pesquisar acerca das igrejas inclusivas é que estão direcionadas exclusivamente às questões de gênero, mais especificamente às pessoas homossexuais excluídas das igrejas tradicionais. Na visão de Natividade e Silva, há uma

[...] emergência de discursos sobre religiões cristãs e homossexualidade é notável na cena pública no tocante ao fenômeno das igrejas inclusivas. O aparecimento desse tipo de alternativa religiosa acompanha processos sociais que compreendem a pressão política dos grupos LGBTs por reconhecimento e legitimidade e a pluralização das demandas e dos sujeitos de direitos nesse campo discursivo.⁴⁹

Trata-se da compreensão do aspecto religioso como uma dimensão da vida que está situada histórica e culturalmente, multifacetada, polifônica e polissêmica.⁵⁰ Feroldi, Castro e Oliveira, as igrejas inclusivas surgem como possibilidades para que pessoas homossexuais sintam-se acolhidas e respeitadas em suas perspectivas existenciais. E, mais ainda, destacam que

[...] a corporeidade e a percepção de si mesmos como corpo para além do ato sexual, permite considerar que a religiosidade e/ou espiritualidade é um fator protetivo e propicia o enfrentamento do preconceito e a discriminação tão comumente vivenciada por pessoas cuja orientação sexual diverge do que é considerado normatividade em nossa sociedade.⁵¹

Considerar a religiosidade e a espiritualidade como fator protetivo e alicerce para enfrentar a exclusão aponta para a contribuição da teologia e, conseqüentemente, da igreja, para a inclusão das pessoas excluídas. Assim, ocorre uma inclusão embasada teologicamente. Isso porque, conforme Klemz:

Do ponto de vista da Teologia, cujo *locus* é a espiritualidade (individual) e a comunidade de fé, inclusão significa refletir sobre as relações pessoais e a

⁴⁸ KLEMZ, 2019, p. 111.

⁴⁹ NATIVIDADE, Marcelo Tavares; PEREIRA, Filipe Miranda; SILVA, William dos Santos Lacerda. Homoparentalidades e conjugalidades nas igrejas Inclusivas: reflexões sobre nexos entre cuidado Pastoral, subjetividades e política entre fiéis LGBT. In: **international Seminar Fazendo Gênero**. 2013. p. 1.

⁵⁰ NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 1, p. 15-33, 2017.

⁵¹ FEROLDI, David Conceição; CASTRO, Ewerton Helder Bentes; OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira. Homossexualidade, religião, igrejas inclusivas e a fenomenologia de Merleau-Ponty: imbricações iniciais. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 23, n. 2, p. 275-300, 2019.

vivência em comunidade a partir da experiência das pessoas, especialmente das que sofrem com a realidade excludente. A Teologia foca o ser humano na sua integralidade, não somente espiritual, mas nas questões sociais, políticas e culturais.⁵²

O que se vislumbra a partir das igrejas tradicionais que não acolhem pessoas homossexuais é que consideram ser uma religiosidade proibida, conforme Luciano dos Santos Guedes. Salieta o autor que a discussão sobre a relação entre religiosidade e sexualidade gera tensão na maioria das religiões porque não há uma “[...] normativa homogênea que acolha a diversidade sexual e de gênero para a prática da fé e o direito de exercer sua religiosidade.”⁵³ É possível especular que as igrejas que não reconhecem a diversidade sexual atem-se mais à questão das relações sexuais do que no reconhecimento da corporeidade e da percepção de si mesmos para além do ato sexual, conforme observaram Feroldi, Castro e Oliveira.⁵⁴ Por isso a necessidade, reitera-se, de refletir acerca da epistemologia inclusiva, como sendo aquela “[...] que acolhe a diversidade de experiências religiosas como sendo expressões de um mesmo corpo que busca a unidade.”⁵⁵

A epistemologia inclusiva é importante, conforme Ratts e Lacerda, para questões como a dicotomia entre os conceitos de pureza e impuro.⁵⁶ A questão da impureza está presente na pesquisa realizada, no relato da Pessoa 9: “[...] senti também uma culpa por causa da homossexualidade, ao mesmo tempo sentia que eu não devia estar ali, me sentia impuro mesmo não praticando, só de pensar ou sentir tais coisas.”⁵⁷

Além do sentimento de impureza, a Pessoa 9 carrega consigo o sentimento de culpa, aspectos disseminados nos discursos das igrejas tradicionais para manipular ou controlar a sexualidade. A culpa é evidenciada pela Pessoa 11:

Quando chegamos na Athos, nas primeiras ceias, o meu companheiro não cejava. Ele ainda tinha um bloqueio, ele meio que ainda não entendia essa questão de poder ser cristão e homossexual. Eu já estava mais resolvido,

⁵² KLEMZ, 2019, p. 110.

⁵³ GUEDES, Luciano dos Santos. **Uma religiosidade proibida: discutindo o direito à religião a partir das Igrejas Inclusivas**. 2018. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018. p. 4.

⁵⁴ FEROLDI, CASTRO, OLIVEIRA, 2019.

⁵⁵ KLEMZ, 2019, p. 84.

⁵⁶ RATTS, Júnior; LACERDA, Carlos. **Administrando o “corpo arco íris”**: etnografia sobre a pastoral do sexo em igrejas inclusivas das cidades de Fortaleza e Maceió. Campina Grande: Editora Realize, 2018. p. 15.

⁵⁷ Entrevista Pessoa 9.

mas na cabeça dele ele ainda estava mais desorganizado. Até ouvir a palavra e ele entender que ele é merecedor sim de ceiar, então foi aí que houve um desbloqueio e estamos na comunidade Athos até hoje, já a quase dois anos e estamos felizes.⁵⁸

Na história da igreja, sempre houve um discurso para:

[...] delimitar, controlar, moralizar o sexo, assim como a sociedade burguesa criando regras e padrões, uma técnica de manipulação. Essa técnica se estendeu para o século XVIII, quando surgem as grandes revoluções, assim sendo, o aumento populacional concentrado. Novas configurações, novas preocupações: controle de natalidade, alimentação, moradia, trabalho, taxas de nascimento, casamentos etc.⁵⁹

A pesquisa se faz necessária, nesse sentido, porque reflete sobre questões inerentes às pessoas, que dizem respeito à sua existência e concepção de vida.⁶⁰ É necessária para desmontar a estrutura patriarcal ainda existente. Afinal, como pondera Klemz, a teologia, em sua essência, é inclusiva:

Teologia em sua essência é inclusiva porque não distingue as pessoas, conforme aponta Paulo em carta aos Romanos, 12.4-5b: “Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e todos os membros não têm a mesma função, assim também nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, [...]” O desafio está em colocar em prática tal essência, acolhendo todas as pessoas, estas com suas subjetividades, pluralidades, formas diferentes de espiritualidade.⁶¹

A Igreja Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília, busca colocar em prática o acolhimento.

⁵⁸ Entrevista Pessoa 11.

⁵⁹ DE LIMA, Regiane Aparecida; LANZA, Fabio; PATROCINO, Luis Gustavo. **Igreja gay: inclusiva e pentecostal**. Macapá: Unifap, 2018. p. 51.

⁶⁰ OLIVEIRA, Alesca Prado; ENOQUE, Alessandro Gomes. Gênero e religião: um olhar sobre a pesquisa atual. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 22, p. e020005-e020005, 2020.

⁶¹ KLEMZ, 2019, p. 105.

3 IGREJA COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS, EM BRASÍLIA

A Igreja Comunidade Família Cristã Athos, em Brasília, no Distrito Federal, é uma comunidade que possui uma estrutura pequena, porém, com pessoas atuantes e que buscam acolhimento. Nesse sentido, o presente capítulo apresenta a Igreja Comunidade Família Cristã Athos com suas características, por um lado, e a sua identidade através dos relatos das pessoas entrevistadas. Inicia com um relato do pesquisador sobre o encontro inicial e a sua acolhida na comunidade.

3.1 UM HÉTERO NA IGREJA INCLUSIVA

O relato que segue é pessoal do pesquisador. Tem influência nos relatos de Clifford Geertz⁶², principalmente em “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”. Também me senti como um intruso e que, por vezes, tive que me adaptar à situação. Geertz menciona a sua aparente invisibilidade no campo de pesquisa, no caso, a pequena aldeia em Bali:

[...] a aldeia constituía seu próprio mundo. Nós éramos invasores, profissionais é verdade, mas os aldeões nos trataram como parece que só os balineses tratam as pessoas que não fazem parte de sua vida e que, no entanto, os assediam: como se nós não estivéssemos lá. Para eles, e até certo ponto para nós mesmos, éramos não-pessoas, espectros, criaturas invisíveis.⁶³

De certa forma, a Comunidade de Athos também constitui seu próprio mundo, mas com o objetivo de ser acolhida no contexto da diversidade. Enquanto pesquisador, heterossexual, eu me senti, inicialmente, também invisível, não parte da comunidade. Com o objetivo de realizar a pesquisa de campo, como base empírica deste trabalho, fiz minha primeira visita à Igreja Athos, em 2019. Chegando ao local, um subsolo do SDS – Setor de Diversões Sul, no centro comercial CONIC, no coração de Brasília – DF, estava ansioso e curioso. Como seria? Como me receberiam?

Cheguei como um visitante comum, me sentindo invisível, desci as escadas e no final do corredor tinha uma porta aberta e uma pessoa que parecia recepcionar os que ali entravam. No interior já haviam algumas pessoas sentadas aguardando o início

⁶² GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

⁶³ GEERTZ, 2008, p. 185.

do culto. Fiquei por ali, sentei-me mais ao fundo em uma parte que ainda estava vazia e passei a observar. Muitas pessoas foram chegando e logo o culto começou.

A liturgia era semelhante à da igreja evangélica onde eu congregava, poderia dizer que, era igual. Iniciou com uma pessoa fazendo a abertura, uma oração, e em seguida veio o louvor. Após cantarmos e louvarmos ao Senhor, veio mais um momento de oração e depois o momento de dízimos e ofertas, até chegar a pregação.

A palavra foi ministrada pela Pastora Márcia, que era a responsável pela igreja, e a ministração se ateve estritamente a Bíblia, a Palavra de Deus, sem nenhum conteúdo diferente. Nada foi mencionado sobre a teologia inclusiva, teologia gay, teologia queer ou qualquer outro conteúdo, só a Bíblia Sagrada.

Confesso que fiquei um pouco decepcionado pois esperava uma pregação totalmente diferente, com um forte e explícito conteúdo teológico que falasse da homoafetividade, mas nada disso aconteceu.

Por um momento pensei: entrei na igreja errada. Não estou vendo nada diferente. Também, fiquei observando o comportamento das pessoas na igreja e não vi ninguém se abraçando, se beijando ou fazendo qualquer ato que afrontasse a moralidade ou que fosse desrespeitoso naquele templo religioso. Depois da palavra ministrada a pastora deu os avisos finais, perguntou quem estava vindo pela primeira vez à Athos e então, os membros da igreja me deram as boas-vindas.

Ainda me sentia invisível na comunidade. No entanto, assim como aconteceu com Geertz e sua esposa, também fui acolhido posteriormente e deixei de ser invisível. Geertz e sua esposa foram acolhidos quando fugiram juntos com as demais pessoas de um cerco policial e foram hospedados por um membro da comunidade, que os defendeu perante a autoridade policial.

Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixáramos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão.⁶⁴

A acolhida iniciou quando, ao acabar o culto, me dirigi a uma salinha onde haviam alguns livros expostos e, como pesquisador e curioso que sou, tratei logo de ir ver do que se tratavam. Eram livros sobre a teologia inclusiva, muitos da editora

⁶⁴ GEERTZ, 2008, p. 187.

Oasis. Enquanto folheava um dos livros, fui interrompido por uma moça que chegou puxando conversa. Assim travou-se o seguinte diálogo:

- Oi, tudo bem?
- Tudo bem – disse eu.
- Você vem sempre aqui? Questionou-me a moça.
- Não, é minha primeira vez.
- Eu tô pegando geral – disse ela com um sorriso no rosto.

Eu, meio sem graça, respondi:

- Que bom...
- E você? - Disse ela.
- Eu tô tranquilo.
- Mas você é entendido? Perguntou ela.

Essa pergunta me deixou um pouco paralisado, não entendi o que ela queria saber, e por alguns segundos tive que pensar rápido. Imaginei: eu acho que ela quer saber se eu sou gay, deve ser isso. Mas o que eu respondo? A verdade que sou hetero? ou digo que sou entendido pra não chamar a atenção? Respondi a verdade, afinal, queria saber como seria a reação dela, de como ela me trataria ao saber que sou um hetero no meio homoafetivo. E assim o diálogo prosseguiu.

- Não. Eu não sou entendido não. Eu sou hetero. Respondi. Tem algum problema nisso pra você? Perguntei imediatamente.

Ela respondeu:

- Não... De boa. Tranquilo. Tenho vários amigos que não são gay.

Daí a conversa fluiu e ela me contou onde morava, o que fazia, onde trabalhava e que era a segunda vez que vinha à igreja comunidade Athos e que gostava de lá. Que estava lutando com sua homoafetividade, já tinha vários meses que não se relacionava com mulheres, mas que tinha tido uma recaída recentemente, uma queda, e estava em crise.

Eu observava e ouvia mais do que falava. Foi um bom papo, e mais uma vez fiquei surpreso. Eu achava que todos que ali estavam, já tinham essa questão bem

resolvida, não imaginei encontrar alguém que lutasse, ou tivesse crises com a sua homoafetividade.

Em seguida fui até a pastora e disse que gostaria de conversar com ela, e foi quando a conversa ficou para o próximo culto. Então combinamos de chegar mais cedo para termos tempo de dialogar.

No domingo seguinte, cheguei mais cedo e ao entrar não tinha quase ninguém, apenas uma outra pastora que soube posteriormente chamar-se Vera. Então me convidaram pra tomar um cafezinho na copa, o que eu aceitei prontamente pois não desperdiço um café. Logo a Pastora Márcia chegou e fomos conversar.

Foi aí que eu revelei o motivo de estar ali. Disse-lhe que era estudante do Mestrado em Teologia na Faculdades EST⁶⁵, que não era homoafetivo, mas que tinha que realizar uma pesquisa sobre a homoafetividade e a igreja. Após passar-lhe todas as informações, a Pastora Márcia autorizou-me a realizar a pesquisa na Athos, assinando o respectivo documento de autorização.

Assim, após vencido os trâmites no Conselho de Ética, comecei a frequentar os cultos da Athos, observando tudo e preparando-me para realizar a aplicação dos questionários e das entrevistas.

No início, os membros da Athos não sabiam ainda o meu objetivo ali, nem muito menos a minha condição de hetero. Para a maioria eu era mais um homoafetivo que chegara à igreja. Mas, após algumas semanas, a meu pedido, a pastora revelou a todos o meu escopo naquela igreja, bem como a minha condição de hetero.

A partir daí pude observar que algumas pessoas passaram a me cumprimentar diferente, um pouco desconfiados e meio que a distância. Nesse momento vi que não seria fácil o processo de inserção para fazer as entrevistas e aplicar os questionários. Mas sou insistente, comecei do zero, mostrando-me aberto e disponível; no final deu tudo certo. Achei a postura deles normal, a minha presença interferia de algum modo no contexto daquela comunidade. Mas em nenhum momento

⁶⁵ A Faculdades EST possui grande reflexão acerca da Teologia Feminista e de gênero, conforme se observa na síntese elaborada por André Musskopf: MUSSKOPF, André S. **Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST**: a construção de uma área do conhecimento. São Leopoldo, RS: CEBl, 2015.

me senti discriminado naquela igreja. Na verdade, fui acolhido e o meu sentimento de invisibilidade se esvaziou.

Enfim, eu fui acolhido, um hétero numa igreja com a maioria de pessoas gays, lésbicas ou bissexuais. Fui incluído numa comunidade que, de fato, não exclui as pessoas. A Athos é uma igreja inclusiva, mas não exclusiva. É uma igreja para todos e todas as pessoas.

3.2 A COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

A Comunidade Família Cristã Athos foi fundada em Brasília, em 2005, por Ivaldo Gitirana e Márcia Dias. Para chegar a esta denominação, no entanto, percorreu um caminho. Em 2006, se tornou uma célula da Igreja Inclusiva Acalanto, de São Paulo, chamada de “Acalanto Planalto Central”. Porém, conflitos entre a comunidade de Brasília e o Pastor representante da Acalanto em São Paulo, ocasionaram a criação de uma nova entidade, passando em 2008 a se chamar Comunidade Família Cristã e, em 2010, Comunidade Família Cristã Athos de Brasília.⁶⁶

O nome “Athos” foi agregado à denominação da Igreja pelo Pastor Ivaldo Gitirana. Ele revelou, através de depoimento presente na internet, que escolheu este nome por possuir a seguinte significação: “aqueles ou aquelas que nada temem”, “que tem espírito de ousadia, independência, originalidade e força de vontade”. Segundo o Pastor, o nome “cairia bem” porque a Igreja é uma comunidade de pessoas valentes, ousadas e originais em tudo o que fazem. Assim, para ele o nome revelaria o caráter subversivo e inovador da Comunidade.⁶⁷

Há Pastores, Pastoras e Presbíteros e Presbíteras que são responsáveis pelos sermões e pregações e pela administração do espaço. A programação possui cultos, grupos de oração, encontros de estudos bíblicos, retiros, encontros de evangelização, entre outras atividades. Possui uma divisão em Ministérios, Ministério do aconselhamento, Ministério do louvor, Ministério do evangelismo e resgate e Ministério de eventos e intercessão.⁶⁸

⁶⁶ SOUZA, Raquel Moreira de. **A salvação da homossexualidade**: Reflexões sobre uma comunidade inclusiva cristã. 2013. Monografia. 69f. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2013.

⁶⁷ SOUZA, 2013. p. 52.

⁶⁸ SOUZA, 2013. p. 52ss.

A identidade da Comunidade Athos é descrita no site da ALIANCI, Aliança Nacional de Igrejas Cristãs Inclusivas:

Somos cristãos; Acreditamos na Bíblia como única regra de fé e conduta; Acreditamos e seguimos a missão de Jesus proclamada no IDE em Marcos 16.15: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”.

Creemos na propagação da Palavra de Deus através de uma espiritualidade sadia, percebendo que fazemos a diferença com um estilo de vida pautado nas Escrituras;

Creemos no poder de Deus como agente transformador de vidas, independentemente da diversidade que constitui o homem. (Atos 10.34)

Creemos que Deus nos chamou a todos para uma postura separada como cristãos, independentemente de nossa história;

Estamos convictos de que o nosso ministério tem a missão de mostrar na prática o amor incondicional e infinito de Deus.⁶⁹

As pessoas que fazem parte da membresia são, em sua maioria, excluídas de outras denominações religiosas ao assumirem uma sexualidade não heterossexual. Por isso, a vivência do acolhimento se apresenta no primeiro dia em que as pessoas participam de suas atividades. Raquel Moreira de Souza, ao participar de um culto, menciona que:

[...] a Pastora Márcia Dias perguntava quem estava participando pela primeira vez. Após observar quem havia levantado as mãos, ela pedia a algum dos fiéis mais antigos da Igreja que desse um abraço caloroso e acolhedor em cada um dos/das novatos/as no espaço. Esse ritual de acolhimento, não representa apenas um mecanismo que contribui para agregar novos/as integrantes, através da constituição de uma imagem “afável” da congregação. Tais abraços também se relacionam ao anseio de seus integrantes em apresentar a Comunidade enquanto espaço de compartilhamento de trajetórias de preconceito e exclusão religiosa relacionada à homossexualidade. Em outras palavras, um momento que “diz” aos neófitos o quanto suas angústias não são apenas compreendidas, mas compartilhadas. A partilha dessas experiências parece aproximar os fiéis.⁷⁰

Souza destaca que a Comunidade de Brasília institui um *ethos* de vida “evangélico homoafetivo”, cujo “principal objetivo é mudar a imagem pejorativa dos/as homossexuais enquanto sujeitos promíscuos e voluptuosos, trazendo à tona a existência de novos/as homossexuais: cristãos que respeitam os valores morais

⁶⁹ ALIANCI. Aliança Nacional de Igrejas Cristãs Inclusivas. **Comunidade Athos – DF**. Disponível em: <http://aliancinacional.blogspot.com/p/comunidade-athos-df.html>. Acesso em 20 jan. 2021.

⁷⁰ SOUZA, 2013. p. 54.

religiosos.”⁷¹ A sexualidade é definida pela Comunidade Athos, oficialmente, como um aspecto natural da vida humana:

Isso quer dizer que da mesma forma que Deus criou homem e mulher, criou o/a homossexual e o/a heterossexual, normatizando uma espécie de duplo dimorfismo, pelo menos em seu discurso oficial. Ao classificarem a sexualidade como uma essência humana, a comunidade parece definir a existência de uma identidade sexual fixa e imutável, ou seja, que não pode ser alterada. Esse cenário dificulta a congregação de sujeitos vistos como “ambíguos” e “híbridos”, uma vez que as identidades de gênero são reduzidas a homem e mulher.⁷²

A Comunidade Família Cristã Athos segue o esforço já mencionado sobre as igrejas inclusivas, de “[...] promover a exegese bíblica e a reelaboração dos discursos sobre a homossexualidade.”⁷³

3.3 A COMUNIDADE FAMÍLIA CRISTÃ ATHOS: AS PESSOAS

As pessoas que frequentam a Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília, vieram de igrejas tradicionais, como a Católica, a Adventista, Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e a Umbanda. As Pessoas 1 a 6 revelaram um percurso religioso até chegar à Comunidade Athos. Neste ponto, duas considerações são importantes: as confissões mencionadas, pelas quais passaram, se revelaram excludentes. E, por outro, as pessoas não simplesmente passaram de uma igreja para outra, mas, antes, revelam uma peregrinação até chegar à Comunidade Athos. É recorrente o fato de muitas pessoas passarem por várias igrejas até chegarem à Comunidade Família Cristã Athos, sempre em busca de acolhimento.

No entanto, percebe-se que a mudança de igreja se dá não pelos ritos ou pela forma de louvor, mas pela exclusão. Assim como outras pessoas entrevistadas, a Pessoa 12 evidencia tal aspecto ao mencionar que: “Eu amo o que eu faço, servir na igreja. Foi uma grande honra servir na Assembleia de Deus, eu aprendi muito lá.”⁷⁴

⁷¹ SOUZA, 2013. p. 31.

⁷² SOUZA, Raquel Moreira de. **Teologia inclusiva, fé e militância**: a Igreja da Comunidade Metropolitana e algumas controvérsias na Sociologia da religião. 2015. 132 f. il. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. p. 13-14.

⁷³ SOUZA, 2013, p. 51.

⁷⁴ Entrevista Pessoa 12.

Assim, portanto, é que vai se formando a Comunidade Família Cristã Athos, com pessoas de diversas denominações religiosas, excluídas, em busca de acolhimento e cuidado. Importante mencionar que a Comunidade Família Cristã Athos não é uma comunidade numerosa, de forma que não é possível nem precisar quantas pessoas fazem parte da comunidade, segundo informações da própria igreja.

Conforme o questionário fechado, as pessoas entrevistadas foram ou convidadas por pessoas que já estavam na igreja, ou foram por indicação de outras que não necessariamente são membros. Um terço das pessoas entrevistadas foi por influência da mídia. São homens e mulheres que se definem como gays, lésbicas ou bissexuais. A renda é, em média, de até dois salários mínimos, com média de idade de 30 anos. Possuem curso superior, alguns com pós-graduação, mas nenhum menos do que curso superior incompleto. Com exceção de uma pessoa com mais de seis anos de igreja, as demais frequentam há a penas um ou dois anos.

A partir das entrevistas realizadas, seja pelo questionário fechado (Pessoas 1 a 6)⁷⁵, seja pelo questionário aberto (Pessoas 7 a 12)⁷⁶, o perfil que se pode traçar das pessoas é de homens e mulheres que passaram (ou ainda passam) por experiências traumáticas devido à homossexualidade. Além das feridas causadas pela exclusão social, há os eventos traumáticos como violência doméstica e abusos sexuais. Agregam-se a isso, questões motivadoras da exclusão ser, além de homossexual, mãe solteira e negra. Na sua comunidade anterior a de Athos, a Pessoa 8 menciona que:

[...] eu nasci neguinha e me tornei preta por ter consciência de quem eu sou. Então quando eu me tornei preta, eu comecei a conflitar com o que as pessoas falavam, porque quando se tratava de negros era tudo do candomblé, coisa do Diabo e eu sempre usei tranças coloridas. Os irmãos ficavam doidos, falavam que era pecado e eu sempre questioneei isso.⁷⁷

Trata-se do que se pode chamar de construções socioculturais plurais: ser negra ou negro, gay, lésbica, travesti, bissexual ou transexual.⁷⁸ Tais construções são

⁷⁵ Conforme o Apêndice B.

⁷⁶ Conforme o Apêndice C. A postura da pessoa entrevistadora influencia na resposta da pessoa entrevistada, como um simples sorriso. A entrevista por e-mail, por exemplo, faz com que a pessoa entrevistada fale consigo mesma. Também não possibilita o ritmo e no encadeamento das frases. KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013. p. 95

⁷⁷ Entrevista Pessoa 8.

⁷⁸ RATTIS, Alex. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. **Homossexualidade sem fronteiras**. Rio de Janeiro-RJ: Booklinks, v. 1, p. 97-118, 2007.

motivos para estigmatização e a conseqüente exclusão porque não se encontram dentro de um quadro normativo, daquilo que se considera “normal”.

As pessoas buscam a vida religiosa e não admitem que a sua identidade seja um empecilho para isso. A Pessoa 12 revela que:

[...] eu agradei a Deus porque Ele me botou no lugar certo na hora certa. As pessoas não esperavam isso de mim, achavam que eu ia me assumir e que ia pra balada, mas não, eu ainda quero uma vida com Cristo só que podendo ser quem eu sou e criar uma família.⁷⁹

Por esse motivo, pela afirmação da identidade, as pessoas procuraram outras instituições religiosas em busca de acolhimento. As pessoas entrevistadas revelaram que o não acolhimento, a rejeição ou discriminação (preconceito) são os principais motivos de saírem das igrejas de origem, além da não identificação com a palavra pregada e, menor número, devido à agressão moral ou valorativa. Por conseguinte, o ingresso na Comunidade Família Cristã Athos se dá, justamente, na busca, em primeiro lugar, pelo acolhimento, seguida da Palavra de Deus interpretada e contextualizada.

Há que se mencionar que o ato de revelar a necessidade da busca por Jesus Cristo, por uma vida religiosa, menciona o aspecto terapêutico das entrevistas. O contato realizado através da entrevista livre possibilitou conhecer a história de cada pessoa, de modo que, muitas vezes, fez com que essas pessoas expusessem de tal forma como se fosse um desabafo. Enquanto pesquisador, ao permitir às pessoas falarem, foi possível perceber a ajuda como uma terapia. A entrevista acabou sendo um ouvido para as pessoas.

Escutar é o ato de pôr a atenção, colocar todo o ser “em direção a”, focar-se no emissor. “Escutar é dar lugar para o outro”. Nesse sentido, a escuta é algo sublime, porque centra energias, toda sua atenção no emissor, ou seja, em quem emite o conteúdo. Quem escuta esquece de si mesmo, de forma a centralizar toda sua atenção no emissor. Podemos dizer que a escuta é uma arte. Justifica-se como arte, pois tem a ver com espontaneidade, liberdade e dom. Usa meios para chegar ao seu destinatário. Utiliza os recursos possíveis para abordar o interlocutor.⁸⁰

Por outro lado, ao ouvir as histórias, há que se mencionar que houve impacto no próprio entrevistador, no sentido de olhar para a própria história, e o ouvir histórias

⁷⁹ Entrevista Pessoa 12.

⁸⁰ FÉLIX, Élcio Rubens Mota. A importância da escuta para a fé cristã. **Revista Contemplação**, n. 3, 2015. p. 4.

de outras pessoas que acabam tendo efeito no próprio desenvolvimento da vida humana.⁸¹ Desta forma, ainda que no momento da escuta a pessoa entrevistadora “esquece de si”, há o impacto posterior com os relatos.

⁸¹ DE ALMEIDA SILVA, Larissa Carla et al. O efeito terapêutico do ato de ouvir e contar histórias em um setor de tratamento oncológico: relato de experiência. **Gep News**, v. 1, n. 1, p. 38-43, 2018.

4 O ACOLHIMENTO COMO FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA

As pessoas que frequentam a Comunidade Família Cristã Athos, conforme já mencionado, são oriundas de igrejas tradicionais, e passaram, muitas delas, por várias igrejas até chegarem à Comunidade Família Cristã Athos, sempre em busca de acolhimento. Nesse sentido, o acolhimento se torna a principal busca pelas pessoas homoafetivas. Ao negar o acolhimento, as igrejas negam o cuidado para com as pessoas.

4.1 O ACOLHIMENTO

A Igreja é, ou deveria ser, como a casa da hospitalidade cristã. A hospitalidade, conforme Rudinei Lasch, proporciona a aproximação nas relações de convivência porque pressupõe a prática do acolhimento e do cuidado: “A hospitalidade exige *kénosis*, esvaziamento de si mesmo, para abrir e alargar o espaço da sua morada e da sua tradição religiosa no encontro com o diferente através das relações humanas.”⁸² Complementa o autor mencionando que a hospitalidade alarga o coração e aproxima os estranhos. Isso se chama acolhimento: o esvaziamento de si, o alargamento do coração e a aproximação com pessoas que são estranhas. Resumindo numa palavra, é a o amor.

O percurso religioso das pessoas que chegam à Comunidade Família Cristã Athos revela “a cena do acolhimento hospitaleiro implica pessoas em deslocamento e uma terra acolhedora, composta por seres humanos que se importam com a necessidade do peregrino e que criam estruturas de cuidado.”⁸³ E a palavra da Comunidade Família Cristã Athos acolhe as pessoas.

“A Palavra sai em busca de seres humanos para acolher.”⁸⁴ Essas palavras de Dietrich Bonhoeffer revelam o poder da palavra no acolhimento. Assim como uma palavra pode destruir, ela também edifica e cura feridas. Não à toa que a psicologia

⁸² LASCH, Rudinei. **A igreja como casa da hospitalidade cristã: a experiência do acolhimento desde uma abordagem teológica**. 2017. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017. p. 9.

⁸³ ROCHA, Abdruschin Schaeffer; DE OLIVEIRA, David Mesquiati. Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 3, p. 851-866, 2020. p. 854.

⁸⁴ BONHOEFFER, 2016, p. 186.

atua, essencialmente, através da palavra. A Teologia não é diferente, especificamente a religião cristã, religião do livro, da Bíblia, que é a Palavra de Deus. Esta Palavra é acolhedora: “A Teologia acolhe todas as pessoas porque todas elas são fruto da criação de Deus. Assim, aquilo que difere uma pessoa da outra evidencia a diversidade que faz parte dessa criação.”⁸⁵

A diversidade humana é complexa. Percebe-se que há uma busca cada vez maior pela normatização de costumes através de uma moral que não acompanha mais o tempo. E isto se dá de forma intimidadora, como revela a Pessoa 9:

Daí um dia ligaram lá em casa, umas irmãs da igreja ligaram pra minha prima e disseram: “Diz pra ele que já descobriram sobre ele e é pra ele se preparar”. Ligaram pra me avisar, pra me advertir. Aí eu fiquei muito nervoso, mas aí eu esperei e esperei e não aconteceu, ninguém falou nada.”⁸⁶

Esta intimidação por parte de membro de uma igreja revela o não acolhimento de pessoas que não estão em “conformidade” com padrões culturais engessados pela sociedade. Henning destaca que é preciso questionar, indagar e descrever de uma moral que assola as pessoas, que leva a extremos, e direciona para evidências do que se compreendem como naturais, lógicas e inquestionáveis:

A esse entendimento coloco muitas interrogações. Ao mesmo tempo em que problematizo a moral como estado permanente de *aceitar* o Outro por meio, por exemplo, da compaixão, do amor, do acolhimento, da fraternidade *com o irmão*, penso que no mundo de hoje, dadas as diferenças culturais, sociais, econômicas e políticas, há necessidade de pensarmos em estratégias que tornem possível a convivência entre as diferentes comunidades, colocando constantemente em questão os processos de diferenciação produzidos por relações de desigualdade e tentativa constante de captura do Outro.⁸⁷

Neste contexto de normatização estão as chamadas igrejas inclusivas. O discurso se dá a partir da inclusão, especificamente acerca das questões homoafetivas, uma das rejeições sociais. Tais rejeições acabam incidindo em alternativas religiosas, numa busca por legitimidade e reconhecimento.⁸⁸ Pereira destaca que igreja inclusiva são aquelas abertas

⁸⁵ KLEMZ, 2019, p. 94.

⁸⁶ Entrevista Pessoa 9.

⁸⁷ HENNING, Paula Corrêa. De benevolências, vocações e fraternidades: discursos da seara da Educação. **REVISTA DA FAEEDA**, Salvador, v. 20, n. 35, jan./jun. p. 105-114. 2011. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/07/FaeebaN351.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

⁸⁸ NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 apr. 2019.

[...] para a comunidade L.G.B.T., e que trazem uma proposta de inclusão para todos os que estão excluídos das outras vertentes religiosas presentes no Brasil. A presença das igrejas inclusivas no universo religioso do nosso país tem gerado os mais diferentes tipos de manifestações, desde o ataque direto e contundente a forma de pensar teológico destes grupos até a total indiferença para esta nova realidade. Ambas posturas carecem de uma investigação mais acurada, pois a presença de qualquer religiosidade, traz consigo várias questões que precisam ser analisadas. Minha proposta é analisar este fenômeno e procurar trazer novas informações que servirão de base para outros pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento.⁸⁹

A base teórica, no que tange às igrejas inclusivas e o grupo LGBTI, está fundamentada a partir da obra de Marcelo Natividade⁹⁰ sobre as delicadas relações entre religião, Estado e sexualidade, que trata do vasto campo de relações que passam pelas políticas sexuais, pelo poder religioso, pelas homofobias e a luta pelo reconhecimento e demonização de práticas de indivíduos não heterossexuais.

A partir da suposição de que as igrejas tradicionais não praticam o acolhimento, o surgimento das igrejas inclusivas acaba por ser uma alternativa para a vivência do cristianismo. Desta forma, o acolhimento está no centro da discussão e é a busca das pessoas que se dirigem à Comunidade Athos, conforme relato da Pessoa 9:

Foi através de dois amigos, que conheci em um show. Eles eram um casal gay, e acabamos virando amigos, não só deles, eram um grupo de amigos. Aí eles falaram que iam à igreja e eu fiquei, ué: mas vocês são um casal homoafetivo né? Eu estranhei, uma igreja assim. Aí eles disseram que era uma igreja inclusiva, eles me chamaram e eu fiquei enrolando um tempinho pra ir, até que eu fui com eles e no primeiro culto eu me senti muito bem, foi a primeira vez que eu não me senti culpado, me senti igual aos demais. Me senti bem, eu sempre ficava muito limitado em me expressar. O maior diferencial na igreja Athos, acho que não foi nem a questão da Teologia, a pregação, acho essa parte igual. Senti-me acolhido: o fato de eu não me sentir estranho, pessoas iguais a mim, com as mesmas questões que eu. A teologia eu acho bem parecida, não vejo diferença não. É diferente em questão de ser inclusiva e de não achar errado ser homoafetivo.⁹¹

Acolhimento, semelhantes, não diferença, encontrar-se na pessoa do outro: aspectos que podem ser considerados a partir do relato da Pessoa 9. Percebe-se que a acolhida na Comunidade Athos possibilita uma libertação da pessoa, uma

⁸⁹ PEREIRA, João Baptista Borges. **Religião e sexualidade**: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Ciências da Religião, 2009. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2533>>. Acesso em 23 abr. 2019. p. 17.

⁹⁰ NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (Homos)sexualidades, poder e religião no Brasil. **Religião e Religiosidades em (Con)texto**: Conferências e mesas do Simpósio Sudeste da ABHR / Simpósio Internacional da ABHR: Diversidades e intolerâncias religiosas, São Paulo, 2013. p. 217-232.

⁹¹ Entrevista Pessoa 9.

“desintimidação”, e a possibilidade de autoconhecimento e desenvolvimento espiritual. O livro “O Deus do Acolhimento”⁹², escrito por Peter Ward Neto, é importante para identificar o processo de desenvolvimento espiritual da maioria das pessoas. Estas, de uma profunda insatisfação com a vida, motivados por um fato catalisador, passam a enxergar as coisas de uma maneira diferente. Aí vem a descoberta de Deus, da oração, e de si mesmos. Assim, fecha-se o processo de autoconhecimento e do verdadeiro sentido da vida.

A Pessoa 11 revela, igualmente, essa acolhida na Comunidade Athos:

Sobre a questão do acolhimento quando eu cheguei lá não tinha tanto acolhimento, isso foi sendo desenvolvido aos poucos e hoje em dia é diferente porque isso foi desenvolvido nos membros de que você tem que dar um suporte. É muito doloroso você ter que deixar seu lado espiritual de lado por conta de não ser aceito, então essa parte espiritual é muito importante pra gente. Mas aí quando eu cheguei lá, conheci a pastora, o engajamento que ela tem com a igreja, tudo o que ela já passou, ela é uma guerreira na fé, já escutei os testemunhos dela, ela é uma inspiração pra quem vai pra Athos e percebe que você pode ser cristão e homossexual sim. A igreja Athos me surpreendeu com os cultos e com a palavra porque como eu já passei por algumas igrejas, alguns pastores, eu já peguei alguns pastores que chegavam à igreja, abriam a Bíblia, botavam o dedo e pregava em cima do que leu.⁹³

A acolhida tem a ver com a leitura da Bíblia e a sua interpretação a partir dos contextos, tanto da passagem bíblica de quando ela foi escrita, como para a contemporaneidade. “Princípios de Interpretação Bíblica”⁹⁴ é um livro de Louis Berkhof que pode ser considerado um breve sumário da história dos princípios hermenêuticos. O autor auxilia a compreender como a Bíblia foi interpretada e aponta caminhos para a compreensão na contemporaneidade. Em meio às mudanças constantes da atualidade, a Bíblia necessita ser constantemente refletida de forma que possa responder às questões urgentes e complexas, como é o caso dos grupos excluídos, como o LGBTI, devido a interpretações fundamentalistas.

Para compreender a sociedade contemporânea e as mudanças constantes, a pesquisa busca suporte em Zygmunt Bauman⁹⁵, que reflete sobre as lutas políticas

⁹² WARD NETO, Peter. **O Deus do acolhimento**: para aqueles que estão a ponto de desistir. São Paulo: Santuário, 2001.

⁹³ Entrevista Pessoa 11.

⁹⁴ BERKHOF, Louís. **Princípios de Interpretação Bíblica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

⁹⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

que buscam reconhecimento, sobre as identidades, enfim, sobre a sociedade em geral.⁹⁶

Sobre a relação entre acolhimento e igreja, pode-se recorrer ao teólogo Eduardo Hoornaert quando afirma que o sucesso do cristianismo não está nos “[...] feitos magníficos, mas nas pequenas ações, como do fortalecimento dos laços familiares e de vizinhança, do acolhimento dos estrangeiros, dos imigrantes do Oriente nas metrópoles do império, visita as doentes e presos.”⁹⁷ São as práticas cristãs que fundamentam a constituição da Igreja. Esta prática está fundamentada na fé cristã.

Por isso, chega a ser uma contradição quando uma igreja não se mostra proativa ao acolhimento. Por exemplo, no caso da violência contra mulheres, a igreja é, muitas vezes, “[...] o único espaço de auxílio e aconselhamento acessível a elas num primeiro momento.”⁹⁸ Uma igreja, em sua essência, é espaço de acolhimento e, desta forma, não pode fechar as portas para as pessoas em sua diversidade.

A Igreja não existe para si mesma, mas para sua missão: que consiste em atualizar, através da hospitalidade e do acolhimento, do anúncio e testemunho, a mensagem salvífica de Jesus Cristo, através da força transformadora do Espírito Santo. A Igreja, como casa da hospitalidade cristã, não pode se isolar, é preciso sair em missão, tornando sua mensagem compreensível aos homens e mulheres do seu tempo. Podemos afirmar que a comensalidade, ou melhor, o ritual da mesa, fortalece a experiência da comunhão eclesial, tornando a Igreja uma casa da hospitalidade cristã.⁹⁹

Em síntese, a Igreja, enquanto hospedeira, acolhe e cuida das pessoas em suas jornadas.

4.2 O CUIDADO

Refletir acerca do cuidado significa pensar a integralidade do ser humano. Do ponto de vista da Teologia, Deus aparece, explicitamente, como “cuidador”, como aquele que se interessa pelo ser humano, como aquele que guia, auxilia e faz companhia. O cuidado nas várias dimensões tem, conforme Clinebell,¹⁰⁰ sua função

⁹⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

⁹⁷ HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 182.

⁹⁸ KROB, Daniéli Busanello. **Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso**. São Leopoldo, RS, 2017. 175 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. p. 12.

⁹⁹ LASCH, 2017, p. 80.

¹⁰⁰ CLINEBEL, Howard. **Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

na medida em que a dimensão espiritual é contemplada, funcionando como eixo incorporador e favorecendo a integridade pessoal. Martins defende que será necessário resgatar uma visão antropológica, que considere o homem de forma ampla e integral, “[...] na qual se valorizem todas as dimensões da existência humana e suas relações com a natureza, com o outro e com Deus”.¹⁰¹ Cuidar integralmente do corpo e, conseqüentemente, da saúde, significa prestar atenção aos cuidados com o corpo e alma e espírito; significa olhar para o ser humano como ser integral.

A igreja, enquanto comunidade cristã, cuida dos seus membros e, conseqüentemente, os ensina a cuidar. A Declaração do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, de 2004, destaca a necessidade do cuidado das pessoas umas para com as outras:

Estamos chamando para um compromisso de redescobrir a humanidade e sonhar com um outro mundo viável e possível, onde os enquadramentos e as definições, as certezas que produzem e produziram tantas injustiças no mundo dêem passagem para a humildade, a curiosidade, o respeito e o cuidado para com o Outro e a Outra e o meio ambiente. Que a Igreja possa fazer parte dessa transformação como Igreja e como Sociedade.¹⁰²

Perdigão menciona que:

O cuidado integra o sentido do existir humano. A ética do cuidado e a *práxis* da intervenção comunitária e social são temas do artigo de Perdigão. O cuidado é caracterizado à qualidade de eixo ético central. Pretende-se alcançar com o cuidar o reconhecimento e o acolhimento do outro, cada qual na sua liberdade, dignidade e diferença radicais, com respeito pela sua fragilidade e na valorização das potencialidades.¹⁰³

Leonardo Boff auxilia a compreender as dimensões do cuidado, para quem o cuidado é “[...] a base possibilitadora da existência humana”.¹⁰⁴ Esse cuidado acaba por levar a uma relação com o outro, tão carente na contemporaneidade, conforme

¹⁰¹ MARTINS, Alexandre Andrade. **É importante a espiritualidade no mundo da saúde?** São Paulo: Paulus, 2009. p. 15.

¹⁰² DECLARAÇÃO DO I CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO. *In*: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga Janete. Escola Superior de Teologia; **Congresso latino-americano de gênero e religião I**, 2004, São Leopoldo, RS. Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2015. p. 157.

¹⁰³ PERDIGÃO, Antônia Cristina. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos. **Análise Psicológica**, 4 (XXI), 2003. p. 489. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312003000400007. [Acessado em 01 abr. 2019].

¹⁰⁴ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 39.

Zygmunt Bauman.¹⁰⁵ Refletindo acerca das relações líquidas contemporâneas, Boff pondera que

[...] na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.¹⁰⁶

Para Boff, cuidar do outro é zelar por esta troca, “[...] esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização”.¹⁰⁷ Prossegue afirmando que:

O cuidado surge quando a existência de alguém tem importância pra mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato.¹⁰⁸

Sem cuidado, as pessoas deixam a sua essência humana de lado. Boff defende que “[...] se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre”.¹⁰⁹ Esse cuidado é fruto do amor: “[...] o *ethos* que ama se completa com o *ethos* que cuida”.¹¹⁰ A Pessoa 10 se sente cuidada na Comunidade Athos, e assim expõe:

Era realmente o que eu procurava em uma igreja, eu falava direto: “só volto pra igreja quando eu achar um lugar onde as pessoas não estejam se importando com aparência, com show”. Eu senti diferença nisso na igreja Athos e pretendo continuar lá.¹¹¹

Leonardo Boff, portanto, ao enfatizar o saber cuidar, acaba por contribuir para a construção de uma ética na qual é necessário o cuidado para com o outro, o cuidado mútuo. O cuidado para com a outra pessoa pressupõe o reconhecimento e acolhimento do outro, fundamentais para uma vida saudável. Nesse sentido, Cecchetti, Oliveira e Hardt mencionam que é necessário o (re)conhecimento para cuidar, e estabelecer uma sensibilidade na relação consigo e com o outro. Apontam que é

¹⁰⁵ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

¹⁰⁶ BOFF, 2012, p. 191.

¹⁰⁷ BOFF, 2012, p. 139.

¹⁰⁸ BOFF, 2012, p. 91.

¹⁰⁹ BOFF, 2012, p. 39.

¹¹⁰ BOFF, 2012, p. 48.

¹¹¹ Entrevista Pessoa 10.

[...] necessário considerar as dimensões do *educar* e do *cuidar*, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social da escola, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – com respeito e, com atenção adequada.¹¹²

O que se percebe é um não cuidado em relação à população LGBT. Inclusive, o cuidado para com a saúde da população LGBT é comprometido por deficiências em conhecimentos e habilidades específicas entre os profissionais de saúde.¹¹³ Quebrar essa apatia se dá através da educação. Por isso, educar para cuidar significa evidenciar o acolhimento do outro, da pessoa excluída, independente das diferenças de crenças ou modos de vida. A Pessoa 12 revela que foi instigada pela pastora da Comunidade Athos a se encontrar. Percebeu que estava sendo amparada e cuidada: “[...] a pastora me disse que eu tinha que seguir meu coração, colocar as coisas na balança e analisar, aí eu disse né, que ela não me ajudou muito, eu sabia que precisava decidir isso sozinho.”¹¹⁴

Percebe-se que a pastora da Comunidade Athos possui o cuidado com a diversidade e o seu acolhimento, aspectos que são incentivados na educação, inclusive destacados em documentos institucionais, como a Base Nacional Comum Curricular.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.¹¹⁵

¹¹² CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck; HARDT, Lúcia Schneider. Educação, diversidade religiosa e cultura da paz: cuidar, respeitar e conviver. In: FLEURI, Reinaldo Matias et al. (Orgs.). **Diversidade Religiosa e Direitos Humanos**: Conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013. p. 218. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32111-diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 abr. 2019.

¹¹³ PAULINO, Danilo Borges; RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas (os) da Estratégia Saúde da Família. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180279, 2019.

¹¹⁴ Entrevista Pessoa 12.

¹¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria da Educação, Brasília, 2017. p. 19. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

Por outro lado, a Pastora Márcia, mencionada pela Pessoa 12, evidencia um trabalho de aconselhamento pastoral, num misto de acolhida e de compreensão.

No aconselhamento o pastoral, o ser humano é promovido de maneira especial por meio de uma forma distinta de caminhar com pessoas, casais e membros de famílias ou pequenos grupos, no momento em que enfrentam desafios e dificuldades na vida.¹¹⁶

Meira sinaliza que “um importante instrumento do acolhimento é o aconselhamento pastoral ou a direção espiritual, que pode trabalhar em primeiro lugar no fortalecimento da autoestima [...] com base nos ensinamentos de Jesus Cristo.”¹¹⁷ O aconselhamento pastoral é o compromisso pela busca da justiça de gênero, nas palavras de Daniéli Krob.¹¹⁸ Prossegue afirmando que “Os novos entendimentos teológicos e libertadores devem ser construídos aos poucos, através do empoderamento e do cuidado.”¹¹⁹

Diante disso, as igrejas inclusivas contribuem para o empoderamento no momento em que fazem a releitura bíblica a partir de uma hermenêutica inclusiva. Tendo a Palavra de Deus interpretada a partir do seu contexto, as igrejas inclusivas auxiliam no cuidado para com as pessoas excluídas.

Ocorre, assim, uma tríade: aconselhamento, empoderamento e cuidado, tudo através da Palavra de Deus. A interpretação da Palavra de Deus de forma a contemplar as pessoas excluídas leva ao acolhimento e ao cuidado. Disto se conclui que as pessoas que possuem o “poder” de proclamar a boa nova, de interpretar e levar a mensagem às pessoas, são elas que são as responsáveis em/por promover a Palavra de Deus e agregar a comunidade de fé.

¹¹⁶ MEIRA, 2012, p. 69.

¹¹⁷ MEIRA, 2012, p. 76.

¹¹⁸ KROB, 2017, p. 15.

¹¹⁹ KROB, 2017, p. 120.

5 CONCLUSÃO

As igrejas inclusivas surgem para fazer aquilo que todas as igrejas deveriam fazer: acolher as pessoas. É da essência da igreja congregar os irmãos/ãs e quando isto não ocorre, há a exclusão.

A sociedade contemporânea, cada vez mais bi polarizada, apresenta extremos que não contemplam a diversidade humana. Sob o escudo de falsos moralismos e, mais grave, interpretações fundamentalistas da Palavra de Deus, sem a devida contextualização, igrejas tradicionais colocam à margem da sociedade pessoas homoafetivas.

Assim, surgem as igrejas chamadas de inclusivas para um público LGBTI, para acolher todas as pessoas. O acolhimento se torna fundamental porque é a partir dele que é possível ao público LGBTI congregar e ter acesso à Palavra de Deus, a partir da releitura das escrituras. A homilética e o aconselhamento pastoral passam a ter uma fundamentação teológica contextual. Jesus Cristo falou para todas as pessoas. Ele se reuniu com as pessoas marginalizadas em seu tempo. Na contemporaneidade, as pessoas marginalizadas são de outro contexto e seriam, certamente, acolhidas por Jesus Cristo.

Ao pesquisar sobre a Comunidade Família Cristã Athos, de Brasília, ingressando na igreja durante um culto, foi possível sentir a acolhida. O que poderia ser a exclusão de uma pessoa heterossexual, em uma comunidade de maioria homoafetiva, ocorreu na verdade a inclusão desta pessoa pesquisadora.

Constatar que as pessoas fazem uma peregrinação por várias igrejas até chegar à Comunidade Família Cristã Athos é algo perturbador, porque evidencia como as igrejas são excludentes e o quanto os homoafetivos têm sido discriminados e não acolhidos nas igrejas tradicionais. A pergunta que permanece é porque isto ocorre? Especula-se que seja porque as pessoas que não seguem um determinado padrão de conduta, tida como a normal ou correta, não serve para a igreja tradicional. Para estudos futuros, pode ser interessante verificar como as pessoas da Comunidade Athos são incluídas ou excluídas na vida profissional, já que na social, da qual a igreja faz parte, isto é um fato.

A pesquisa buscou os fundamentos do que vem a ser igreja e conclui que ser igreja é a comunhão das pessoas que professam uma mesma fé, ou seja, a igreja é uma comunidade de fé, unida numa prática concreta e comum. Porém, ao excluir pessoas, será que professam, de fato, a mesma fé revelada nas Escrituras Sagradas? Como podem pessoas de diferentes identidades acreditarem na mesma Palavra e agirem de forma tão diferente?

Estas são perguntas que, num primeiro momento, não deveriam existir, porque todos os cristãos leem e comungam a partir da mesma fonte. A questão está, portanto, na hermenêutica utilizada para compreender a Palavra de Deus. Nesta hermenêutica ocorre um jogo de poder que, para manter determinada hegemonia, difunde comportamentos padrões específicos em nome de uma “normalidade”, acabando por excluir pessoas.

Percebe-se a importância do acolhimento nesta relação entre igreja e sociedade, principalmente no que diz respeito a comunidade homoafetiva. Toda igreja deve ser inclusiva, deve incluir a todos e todas. A igreja que não acolhe acaba por excluir, fechando suas portas as minorias. É preciso humanizar as relações com um olhar de amor, como Jesus assim o fez, acolhendo a todos e todas as pessoas em sua diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALIANCI. Aliança Nacional de Igrejas Cristãs Inclusivas. **Comunidade Athos – DF**. Disponível em: <http://aliancinacional.blogspot.com/p/comunidade-athos-df.html>. Acesso em 20 jan. 2021.
- ALVES, José Eustáquio et al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.
- AUGUSTIN, George. **Por uma igreja em saída**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 75.
- BARROSO, Víctor Breno Farias. **Mosaicos do Sagrado**. São Paulo: Recriar, 2019. (E-book).
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BERKHOF, Louís. **Princípios de Interpretação Bíblica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
- BOFF. Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. (E-book).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria da Educação, Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.
- CARMO, Arielson Teixeira do. **Rituais, trajetórias religiosas e homossexualidade na cidade de Pelotas-RS**. 2019. 201 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck; HARDT, Lúcia Schneider. Educação, diversidade religiosa e cultura da paz: cuidar, respeitar e conviver. In: FLEURI, Reinaldo Matias et al. (Orgs.). **Diversidade Religiosa e Direitos Humanos: Conhecer, respeitar e conviver**. Blumenau: Edifurb, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32111-diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 abr. 2019.
- CLINEBEL, Howard. **Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

DE ALMEIDA SILVA, Larissa Carla et al. O efeito terapêutico do ato de ouvir e contar histórias em um setor de tratamento oncológico: relato de experiência. **Gep News**, v. 1, n. 1, p. 38-43, 2018.

DE JESUS, Fátima Weiss. A cruz e o arco-íris: Refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma “igreja inclusiva” no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 12, n. 12, p. 131-146, 2010.

DE LIMA, Regiane Aparecida; LANZA, Fabio; PATROCINO, Luis Gustavo. **Igreja gay: inclusiva e pentecostal**. Macapá: Unifap, 2018.

DECLARAÇÃO DO I CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga Janete. Escola Superior de Teologia; **Congresso latino-americano de gênero e religião I**, 2004, São Leopoldo, RS. Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2015. p. 157.

FEITOSA, Alexandre. **Igrejas Inclusivas: uma breve história**. Brasília: Oásis,

FÉLIX, Élcio Rubens Mota. A importância da escuta para a fé cristã. **Revista Contemplação**, n. 3, 2015.

FEROLDI, David Conceição; CASTRO, Ewerton Helder Bentes; OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira. Homossexualidade, religião, igrejas inclusivas e a fenomenologia de Merleau-Ponty: imbricações iniciais. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 23, n. 2, p. 275-300, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana, SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, Mariana Barbosa. **As personagens LGBTQ+ no universo das telenovelas de Aguinaldo Silva: autoria e representação em três décadas de TV**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

GUEDES, Luciano dos Santos. **Uma religiosidade proibida: discutindo o direito à religião a partir das Igrejas Inclusivas**. 2018. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018. p. 4.

HENNING, Paula Corrêa. De benevolências, vocações e fraternidades: discursos da seara da Educação. **REVISTA DA FAEEDA**, Salvador, v. 20, n. 35, jan./jun. p. 105-114. 2011. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeda/files/2011/07/FaeedaN351.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

LASCH, Rudinei. **A igreja como casa da hospitalidade cristã: a experiência do acolhimento desde uma abordagem teológica**. 2017. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia**. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf>. Acesso em 20 jan. 2021.

KROB, Daniéli Busanello. **Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso**. São Leopoldo, RS, 2017. 175 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017.

LAKELAND, Paul. **Igreja: comunhão viva**. São Paulo: Paulus, 2013.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2006. Vol. 1.

LUTERO, Martinho. O Programa da Reforma: escritos de 1520. **Obras Seleccionadas**, v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Concórdia, 1989. p. 277-340.

LUTERO, Martinho. Os Primórdios: escritos de 1517 a 1519. **Obras Seleccionadas**, v. 1. São Leopoldo: Sinodal; Concórdia, 1987. p. 152-153.

MARTINS, Alexandre Andrade. **É importante a espiritualidade no mundo da saúde?** São Paulo: Paulus, 2009.

MEIRA, Rosana Orlandi. **Aconselhamento pastoral e homossexualidade: a dimensão da fé cristã nas angústias da homossexualidade**. São Leopoldo, RS, 2012. 99 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Aconselhamento Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012.

MIRANDA, Mário de França. **A igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MÜLLER, Iára. **Encarando a Deficiência**. São Leopoldo: Sinodal, 1989. Série: Crer e viver 5.

MUSSKOPF, André S. **Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento**. São Leopoldo, RS: CEBl, 2015.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; GOMES, Edlaine. Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade. **Religião e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 41-58, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. Religião e intolerância à homossexualidade: Tendências contemporâneas no Brasil". In: V. Gonçalves (org.). **Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2007.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualid, Salud y Sociedad**: Revista Latino-americana, vol II, p. 121-161, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. **Tomo**, Revista do PPG em Ciências Sociais da Universidade Federal do Sergipe, n. 14, p. 203-227, jan./jun. 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; PEREIRA, Filipe Miranda; SILVA, William dos Santos Lacerda. Homoparentalidades e conjugalidades nas igrejas Inclusivas: reflexões sobre nexos entre cuidado Pastoral, subjetividades e política entre fiéis LGBT. In: **international Seminar Fazendo Gênero**. 2013. p. 1.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 apr. 2019.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. 2008. Tese (Doutorado). **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: PPGSA/UFRJ, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (Homos)sexualidades, poder e religião no Brasil. **Religião e Religiosidades em (Con)texto**: Conferências e mesas do Simpósio Sudeste da ABHR / Simpósio Internacional da ABHR: Diversidades e intolerâncias religiosas, São Paulo, 2013. p. 217-232.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 1, p. 15-33, 2017.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Margens da política**: Estado, direitos sexuais e religiões. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

OLIVEIRA, Alesca Prado; ENOQUE, Alessandro Gomes. Gênero e religião: um olhar sobre a pesquisa atual. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 22, p. e020005-e020005, 2020.

PAULINO, Danilo Borges; RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas (os) da Estratégia Saúde da Família. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180279, 2019.

PERDIGÃO, Antónia Cristina. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos. **Análise Psicológica**, 4 (XXI), 2003. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312003000400007 . [Acessado em 01 abr. 2019.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Religião e sexualidade**: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Ciências da Religião, 2009. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2533>>. Acesso em 23 abr. 2019.

PINHEIRO, Amanda Nunes. IGREJAS INCLUSIVAS: MORALIDADE E FLEXIBILIZAÇÃO DOS VALORES CRISTÃOS. **IN TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 5, n. 2, 2019.

RATTS, Alex. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. **Homossexualidade sem fronteiras**. Rio de Janeiro-RJ: Booklinks, v. 1, p. 97-118, 2007.

RATTS, Júnior; LACERDA, Carlos. **Administrando o “corpo arco íris”**: etnografia sobre a pastoral do sexo em igrejas inclusivas das cidades de Fortaleza e Maceió. Campina Grande: Editora Realize, 2018.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer; DE OLIVEIRA, David Mesquiati. Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 3, p. 851-866, 2020.

SOUZA, Raquel Moreira de. **A salvação da homossexualidade**: Reflexões sobre uma comunidade inclusiva cristã. 2013. Monografia. 69f. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2013.

SOUZA, Raquel Moreira de. **Teologia inclusiva, fé e militância**: a Igreja da Comunidade Metropolitana e algumas controvérsias na Sociologia da religião. 2015. 132 f. il. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. p. 13-14.

TAVARES, Talita. As Igrejas Inclusivas prescindem de teologias que tratem da sexualidade?. **Género, sexualidad y religión**. Religión e Incidencia Pública, n. 3, p. 87–111, 2015.

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino; CASSAB, Clarice. O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal. **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 608-640, 2019.

WARD NETO, Peter. **O Deus do acolhimento**: para aqueles que estão a ponto de desistir. São Paulo: Santuário, 2001.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Homoafetividade e Igreja: uma busca pela igualdade religiosa no âmbito do acolhimento. (Igreja Athos – Brasília-DF: um estudo de caso).

Pesquisador (a): Manoel Vicente dos Santos Neto

Nome do (a) Orientador (a): Dr. Oneide Bobsin

1. **Natureza da pesquisa:** o Sr. (Sra.) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem por finalidade verificar o que tem levado centenas de fiéis homoafetivos a migrarem das igrejas ditas convencionais, para as igrejas inclusivas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV do Conselho Nacional de Saúde. Meu nome é Manoel Vicente dos Santos Neto, sou o pesquisador responsável junto com meu orientador Prof. Dr. Oneide Bobsin. Minha área de atuação é Teologia, na linha de pesquisa Religião e Educação, das Faculdades EST - em São Leopoldo – Rio Grande do Sul - RS.

2. **Participantes da pesquisa:** serão entrevistados (as) 15 pessoas nesta pesquisa.

3. **Envolvimento na pesquisa:** a participação é voluntária e a sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. **Das entrevistas:** as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas e o material compartilhado com os(as) entrevistados(as) para comentários, possíveis correções ou acréscimos, e utilizado como fonte para coleta de dados a serem utilizados na pesquisa.

5. Dos riscos e desconfortos: é possível que a entrevista traga à memória lembranças desconfortáveis ou penosas, situações em que será respeitado seu tempo e sua necessidade para dar continuidade, ou não, a entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios do Conselho de Ética. A sua participação nesta pesquisa será pautada em sua livre disposição e disponibilidade em contribuir para a mesma. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais.

6. Confidencialidade: a identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o pesquisador e o orientador terão conhecimento dos dados. (Há necessidade de garantir a confidencialidade e anonimato dos documentos, quando se trata de gravações e questionários preenchidos e a sua guarda por 5 anos.)

7. Do financiamento: não haverá nenhuma espécie de pagamento ou gratificação financeira aos(as) entrevistados(as) desta pesquisa, mas o pesquisador se propõe a arcar com as despesas de alimentação e transporte, quando forem necessários, aos participantes da pesquisa. Os entrevistados (as) terão acesso ao conteúdo das entrevistas que serão manuseadas exclusivamente pelo pesquisador para fins acadêmicos (dissertação, artigos).

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos esclarecidos em receber resposta a qualquer pergunta sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa; podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; ou tirar quaisquer dúvidas junto ao **Comitê de Ética e Pesquisa das Faculdades EST, Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho - São Leopoldo-RS - CEP: 93.030-220, telefones: (51) 2111-1455, E-mail: cep@est.edu.br** .

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu,
_____ de forma livre e esclarecida, manifesto meu

consentimento em participar da pesquisa e assino este em duas vias de igual teor, permanecendo uma via comigo e outra com o/a pesquisador(a).

Assinatura da pessoa entrevistada

Manoel Vicente dos Santos Neto - Pesquisador

APÊNDICE B

Pesquisa: Homoafetividade e Igreja – Uma busca pela igualdade religiosa no âmbito do acolhimento – Igreja Comunidade Athos - Brasília: Um estudo de Caso.

Pesquisador: Manoel Vicente dos Santos Neto

Orientador: Dr. Oneide Bobsin.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O MESTRADO EM TEOLOGIA / EST

1 – Em relação a gênero e grupo social, me defino como:

a) Feminino Lésbica Gay Bissexual Transexual Intersex

b) Masculino Lésbica Gay Bissexual Transexual Intersex

2 – Idade

a) entre 18 e 29 anos

b) entre 30 e 35 anos

c) entre 36 e 45 anos

d) acima de 45 anos

3 – Renda

a) até 2 salários mínimos

b) acima de 2 e até 4 salários mínimos

c) acima de 4 e até 10 salários mínimos

d) acima de 10 salários mínimos

4 – Qual o seu nível de escolaridade?

a) Primeiro Grau

b) Ensino Médio

c) Superior incompleto

d) Superior completo

e) Pós-graduação: Especialização - Mestrado - Doutorado

5 – A quanto tempo você está na Igreja Inclusiva

a) Menos de 1 ano

b) Entre 1 e 2 anos

c) Acima de 2 e até 4 anos

d) Acima de 4 e até 6 anos

e) Mais de 6 anos

6 – Qual a sua raça?

- a) Preto(a)
- b) Pardo(a)
- c) Amarelo(a)
- d) Branco(a)
- e) Outras

7 – Quanto ao seu percurso religioso, quantas denominações já frequentou até chegar a Igreja Comunidade Athos?

- a) 1 (uma) – Igreja: Evangélica – Católica – Outra
- b) 2 (duas) – Igrejas: (pode marcar mais de uma)
 Evangélica – Católica – Outra
- c) 3 (três) – Igrejas: (pode marcar mais de uma)
 Evangélica – Católica – Outra
- d) 4 (quatro) – Igrejas: (pode marcar mais de uma)
 Evangélica – Católica – Outra
- e) 5 (cinco) Igrejas: (pode marcar mais de uma)
 Evangélica – Católica – Outra
- f) Mais de 5 (cinco) – Igrejas: (pode marcar mais de uma)
 Evangélica – Católica – Outra

8 – Quais os motivos que o(a) fizeram deixar as denominações anteriores? (pode marcar mais de um item, colocando numeração de prioridade)

- a) Preconceito
- b) Não acolhimento
- c) Rejeição ou discriminação
- d) Não identificação com a palavra pregada – (Teologia)
- e) Agressão moral ou valorativa
- f) Outro

9 – O que mais o(a) atrai na Igreja Inclusiva? (pode marcar mais de um item, colocando numeração de prioridade)

- a) Igualdade de tratamento/isonomia
- b) Acolhimento
- c) Interpretação da Palavra – Teologia inclusiva
- d) Ambiente
- e) Vínculo Comunitário
- f) Outro

10) Como você chegou até a Igreja Inclusiva?

- a) Foi convidado e levado por alguém
- b) Influência da mídia
- c) Indicação de amigos
- d) outros

APÊNDICE C

ENTREVISTA LIVRE SEM ROTEIRO - DIRECIONADA

Pesquisa: Homoafetividade e Igreja – Uma busca pela igualdade religiosa no âmbito do acolhimento – Igreja Comunidade Athos - Brasília: Um estudo de Caso.

Pesquisador: Manoel Vicente dos Santos Neto

Orientador: Dr. Oneide Bobsin.

Faça um relato sobre a sua caminhada Cristã, até chegar a igreja Comunidade Athos e qual o diferencial em comparação, se for o caso, com as igrejas convencionais/tradicionais, por qual passou.

APÊNDICE D

Tabela 1 - Como se define quanto ao Gênero/grupo social

Gênero	Percentual %	Lésbica	Gay	Bissexual	Intersex
Feminino	33 %	50 %		50 %	00
Masculino	67 %		50 %	50 %	00
Total	100 %				

Fonte: O autor.

Tabela 2 - Faixa etária dos membros da Comunidade Athos – membros entrevistados

Faixa Etária	Percentual %
18-29 anos	33 %
30-35 anos	50 %
36- 45 anos	17 %
Acima de 45 anos	00
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 3 – Faixa de Renda - membros entrevistados

Faixa de Renda	Percentual %
Até 2 salários mínimos	83 %
Acima de 2 e até 4 salários mínimos	17 %
Acima de 4 e até 10 salários mínimos	00
Acima de 10 salários mínimos	00
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 4 – Faixa Nível de Escolaridade

Escolaridade	Percentual %
1º Grau	00
Ensino Médio	00
Superior Incompleto	33,3 %
Superior Completo	33,3 %
Pós-Graduação Especialização	33,3 %
Pós-Graduação Mestrado	00
Pós- Graduação Doutorado	00
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 5 - Quanto Tempo está na igreja inclusiva Comunidade Athos

Tempo	Percentual %
Menos de 1 ano	66 %
Entre 1 e 2 anos	17 %
Mais de 2 e menos de 4 anos	00
Acima de 4 e até 6 anos	00
Acima de 6 anos	17 %
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 6 - Quanto a Raça – como se define

Cor	Percentual %
Preta	50 %
Parda	33 %
Amarela	00

Branca	17 %
Outros	00
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 7 - Percurso Religioso
Quantas denominações frequentou até chegar a Comunidade Athos

Quantidade	Percentual %	Evangélicas	Católicas	Outras
Uma igreja	16 %	100 %	00	00
Duas Igrejas	17 %	100 %	00	00
Três Igrejas	17 %	100 %	00	00
Quatro Igrejas	50 %	67 %	17 %	16 %
Cinco Igrejas	00	00	00	00
Mais de cinco Igrejas	00	00	00	00
Total	100 %			

Fonte: O autor.

Tabela 8 - Motivos que o fizeram deixar as igrejas/denominações anteriores

Motivo	Percentual %
Preconceito	16,7 %
Não Acolhimento	33,6 %
Rejeição ou discriminação	33 %
Não identificação com a palavra pregada (teologia)	00
Agressão Moral ou valorativa	00
Outros	16,7 %
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 9 - O que mais o(a) atrai na Igreja Inclusiva – Comunidade Athos

Motivo	Percentual %
Igualdade de tratamento/isonomia	00
Acolhimento	67 %
Interpretação da Palavra (Teologia Inclusiva)	23 %
Ambiente	00
Vínculo Comunitário	00
Outros	00
Total	100 %

Fonte: O autor

Tabela 10 - Como chegou a Igreja Inclusiva Athos

Como Chegou	Percentual %
Convidado e levado por alguém	50 %
Influência da mídia	33 %
Indicação de amigos	00
Outros	17 %
Total	100 %

Fonte: O autor